



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

JOSÉ EDUARDO LIMA DE VASCONCELOS
MELLINA NAYUMME SANTOS GARCIA

**Grande reportagem: O desafio da cobertura telejornalística na
cidade de Macapá durante a pandemia de Covid-19**

MACAPÁ
2022

JOSÉ EDUARDO LIMA DE VASCONCELOS
MELLINA NAYUMME SANTOS GARCIA

Grande reportagem: O desafio da cobertura telejornalística na cidade de Macapá durante a pandemia de Covid-19

Trabalho de Conclusão de curso de Bacharelado em Jornalismo – UNIFAP sobre equipes de telejornalismo durante a Pandemia de Covid-19. Apresentado sob orientação da Profa. Ms. Elisângela Lima de Andrade.

MACAPÁ
2022

Agradecimentos

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais e irmãs, que sempre estiveram ao meu lado, e que me ampararam nos momentos mais difíceis. Agradeço aos amigos e colegas de curso, que estiveram nessa jornada, em especial a Rafaela Cristina pelas dificuldades que vivenciamos juntas nesta caminhada. Agradeço ao José Eduardo pelas experiências trocadas e por embarcar neste projeto. Ao meu noivo e parceiro de vida, Guilherme Thompson, pela paciência e apoio. Por fim, agradeço a professora Elisângela Andrade por todo o aprendizado e oportunidades.

Mellina Nayumme Santos Garcia

Dedico este trabalho aos meus familiares, que estiveram comigo em todos os momentos. Gratidão a todos os professores do curso de Jornalismo pelo apoio, em especial à nossa orientadora Elisângela. Agradeço ainda aos amigos Hendrew, Fernanda e Luke por todos os ensinamentos e conselhos. Por fim, sou grato à Mellina por ter me convidado a fazer parte desse projeto.

José Eduardo Lima de Vasconcelos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 PROBLEMA	8
3 JUSTIFICATIVA	9
4 OBJETIVOS	11
4.1. OBJETIVO GERAL	11
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
5 REFERENCIAL TEÓRICO	12
5.1 CARACTERÍSTICAS DO TELEJORNALISMO	12
5.2 ADAPTAÇÕES DO TELEJORNALISMO NA PANDEMIA DE COVID-19	15
5.3 REPORTAGEM E GRANDE REPORTAGEM DE TV	17
5.4 JORNALISMO PARTICIPATIVO	20
5.5 TELEJORNALISMO PARTICIPATIVO	22
6 METODOLOGIA	24
7 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	26
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
9 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	32
10 APÊNDICES	35
A. PAUTA DA GRANDE REPORTAGEM	35
B. TEXTO DA GRANDE REPORTAGEM	37
D. ENTREVISTA COM WILK DIAS. REALIZADA EM 11.02.2022.	44

E. ENTREVISTA COM LUCIANE ALVES. REALIZADA EM 16.02.2022.	48
F. ENTREVISTA COM PAULO LEAL. REALIZADA EM 17.02.2022	53
G. ENTREVISTA COM KARINA RODRIGUES. REALIZADA EM 21.02.2022.	54
H. ENTREVISTA COM NÚBIA PACHECO. REALIZADA EM 02.03.2022.	58
I. ENTREVISTA COM JACKSON SENA. REALIZADA EM 08.02.2022	65

RESUMO

Na forma de projeto experimental para o Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, na Universidade Federal do Amapá, este memorial busca descrever a produção de uma grande reportagem sobre as rotinas vivenciadas por equipes de telejornalismo, da cidade de Macapá, durante o período menos crítico da Pandemia de Covid-19, mais especificamente no primeiro semestre de 2022. O objetivo do produto é mostrar mudanças e desafios experienciados por esses profissionais. Para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa exploratória, através da pesquisa de campo, e coleta de dados realizada através de entrevistas. Para a realização da grande reportagem, utilizamos câmera DSLR, celular, gravador profissional e microfone de lapela para as gravações, além de imagens de arquivo

Palavras-chave: Grande reportagem. Telejornalismo. Equipe. Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

In an experimental project for the Graduation Assignment for the journalism degree, at the Amapá Federal University, this memorial seeks to describe the production of a great report on the routines experienced by TV journalists teams, in Macapá city, during the least critical period of the Covid-19 Pandemic. The objective of the product is to show changes and challenges experienced by these professionals. This work was conducted by using the exploratory qualitative research method through field research and data collection carried out through interviews. For the great reportage, we used images and audio files captured through a DSLR camera, cell phone, professional recorder and lavalier microphone.

Key words: Great reportage. Telejournalism. Team. Covid-19 Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

O presente memorial é parte do projeto experimental, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. Ele traz o embasamento teórico e os detalhes da produção da Grande Reportagem com o tema: “O desafio da cobertura telejornalística na cidade de Macapá durante a Pandemia de Covid-19”. Este projeto apresenta os desafios e mudanças vividas por profissionais de externa (repórteres e cinegrafistas) em coberturas telejornalísticas, durante um período menos crítico da pandemia de Covid-19 - especificamente entre os dias 8 de fevereiro e 2 de março de 2022.

A ideia do tema, trabalhado no projeto, surgiu a partir de uma lacuna de produções audiovisuais que explorassem e analisassem a realidade desses profissionais na cidade de Macapá durante um período histórico mundial. Além disso, a escolha do formato, a grande reportagem, veio a partir das experiências vividas em sala de aula e projetos paralelos juntamente com a identificação com o tema trabalhado.

O projeto tem como finalidade mostrar de que maneira equipes de reportagem externa lidaram e lidam com as mudanças e desafios impostos pela Covid-19 no fazer telejornalístico. Abrindo assim, margem para discussões sobre a realidade de profissionais que se fizeram tão importantes durante uma crise de saúde mundial.

Desde março de 2020, com a pandemia de Covid-19 declarada no mundo, o jornalismo acompanha as mudanças ocorridas nos mais diversos segmentos da sociedade. Com o telejornalismo não é diferente: mudanças na rotina diária, uso de máscara, protocolos sanitários de proteção, distanciamento social, medo do vírus e perda de inúmeras vidas foram algumas das questões enfrentadas pelos profissionais desse segmento.

Com isso, essa pesquisa buscou dar enfoque nas experiências vividas por equipes de reportagem da cidade de Macapá nas emissoras TV Equinócio e Rede Amazônica. Através da cobertura da rotina e relatos pessoais desses profissionais, a grande reportagem mostra as mudanças, permanentes ou não, as adversidades e angústias experienciadas pelas equipes.

Dessa forma, o projeto traz a possibilidade de reflexão sobre as possibilidades que o jornalismo de TV tem para se reinventar e não permitir que o formato perca a credibilidade. Além disso, este trabalho coloca em foco, também, o importante papel social que o telejornalista desenvolve, independentemente das circunstâncias.

Para a produção dessa pesquisa qualitativa, iniciamos uma pesquisa de campo através da captação de imagens e áudios durante a rotina das equipes selecionadas. Fizemos também, como método de coleta de dados, as entrevistas - as quais foram realizadas durante os

acompanhamentos de cada equipe e de relatos individuais dos profissionais. Os depoimentos dos personagens da grande reportagem foram decisivos para a narrativa, uma vez que a pauta tomou novos rumos durante a produção.

Para a captação de imagens foi utilizada a DSLR Nikon D5300, um celular Samsung e um tripé de apoio. Para a captação de áudio, utilizamos microfones de lapela e um gravador profissional. Para a narração da reportagem, os dois autores deste trabalho foram os repórteres para dar dinamicidade ao conteúdo. Durante a edição, ainda fizemos uso de imagens cedidas pelas emissoras e de arquivo pessoal, além do uso de *BGs* e legenda em áudios captados sem o microfone, para melhor entendimento.

A escolha do formato grande reportagem se alia ao tema trabalhado, uma vez que retrata de maneira similar o que os profissionais de telejornalismo desenvolvem no dia a dia de trabalho. Trazendo assim, a melhor forma de se reproduzir essas realidades.

2 PROBLEMA

No dia 11 de março de 2020, a OMS decretou a Pandemia de Covid-19. A partir desse momento, todos os veículos jornalísticos começaram a pautar sua programação com acontecimentos relacionados ao vírus, até então desconhecido. Portanto, o papel social do jornalista é evidenciado diante dos mais variados desafios.

Com a paralisação da maioria dos setores, mudanças bruscas foram registradas nas rotinas das mais diversas profissões e segmentos da sociedade. O jornalismo, assim como a saúde, não parou. Os telejornais mudaram a estrutura de apresentação das notícias, desde o uso de máscaras e distanciamento social até a maior utilização do conteúdo colaborativo.

No telejornalismo, houve várias discussões sobre as mudanças impostas com o surgimento do Coronavírus, como os formatos e estruturas reformuladas. Entretanto, pouco se tem aprofundado sobre a vivência de jornalistas durante o período.

No dia 19 de maio de 2020, o Amapá foi o primeiro estado a decretar *lockdown* total após o crescimento no número de casos de Covid-19¹. O jornalismo local precisou se adaptar a essa realidade para a veiculação das notícias. Meses depois, no dia 19 de janeiro de 2021, os primeiros amapaenses começaram a ser vacinados. Após um ano, no dia 12 de maio de 2021, 100 mil pessoas haviam recebido a primeira dose da vacina contra Covid-19 no estado do Amapá². A partir daí, o estado, assim como o restante do país, decretou novas flexibilizações em todos os setores.

Com poucas literaturas encontradas, faz-se necessário a busca por entender e descrever a realidade vivida por jornalistas locais, num período no qual o fim da pandemia ainda permanece incerto, já que novas variantes surgem constantemente e as taxas de transmissão ainda são instáveis. Dessa forma, este trabalho buscará entender quais problemáticas foram evidenciadas durante a cobertura da pandemia de Covid-19 no Amapá, após o início da vacinação no estado. Sendo assim, é válido perguntar: De que maneira a pandemia da Covid-19 afetou as rotinas de trabalho dos telejornalistas da cidade de Macapá, capital do Amapá?

¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/05/15/governo-do-ap-decreta-lockdown-em-todo-o-estado-macap-tera-rodizio-de-veiculos.ghtml>>. Acesso em 23/04/2022

² Disponível em: <<https://portal.ap.gov.br/noticia/1305/amapa-alcanca-100-mil-vacinados-com-a-primeira-dose-contra-a-covid-19>>. Acesso em 29/03/2022

3 JUSTIFICATIVA

Este trabalho surgiu com a ideia de produção de uma grande reportagem sobre o tema abordado, a partir das experiências em sala de aula com disciplinas e projetos ligados ao telejornalismo. A identificação e experiência pessoal com o formato e o audiovisual em geral facilitaram nesta produção.

Além disso, o tema abordado busca retratar rotinas de profissionais do telejornalismo durante um período menos crítico da Covid-19. Dessa forma, a opção pela grande reportagem se aproxima da metalinguística, já que decidimos produzir um dos formatos produzidos pelos profissionais, que são objeto do nosso estudo. Sendo assim, acreditamos ser a melhor forma de expor o assunto.

Foi observada uma lacuna na produção de materiais em audiovisual sobre esse período específico da Pandemia de Covid-19 vivido por profissionais de telejornalismo na cidade de Macapá. Dessa forma, identificamos a necessidade de produzir e contribuir com a temática no telejornalismo amapaense.

O trabalho realizado por jornalistas, diante do surgimento da Covid-19, tem sido de extrema importância. Por isso, o ofício das redações e estúdios de jornalismo foi e é considerado essencial para a sociedade. Em Macapá não é diferente, e as equipes de reportagem de telejornalismo trabalharam e trabalham em busca da melhor forma de veicular a informação apurada ao cidadão.

Com isso, este projeto busca destacar o trabalho desenvolvido por equipes de reportagem de duas emissoras da cidade de Macapá, para que seja feita uma reflexão sobre as realidades vividas por esses profissionais no primeiro semestre de 2022, especificamente entre os dias 8 de fevereiro e 2 de março de 2022, considerado um período menos crítico, até aquele momento, desde o início da pandemia.

Gostaríamos de mostrar as mudanças e desafios enfrentados por esses profissionais, que geralmente contam histórias e retratam problemas vivenciados por outros indivíduos da sociedade. Assim, conseguimos captar uma realidade vivenciada por eles por diferentes perspectivas.

A partir dessa ideia, a pesquisa é importante quando se faz necessário registrar a realidade de um nicho tão importante da sociedade, em um período específico de um acontecimento histórico mundial. Acreditamos que é importante retratar uma perspectiva

peçoal e única da rotina vivida por equipes de telejornalismo da cidade de Macapá de maneira a contribuir com os registros históricos do telejornalismo amapaense. Com isso, entender o comportamento diante os desafios e mudanças impostas a esse grupo social.

4 OBJETIVOS

4.1. OBJETIVO GERAL

Produzir uma grande reportagem sobre a rotina de trabalho das equipes de telejornalismo da cidade de Macapá, entre os dias 8 de fevereiro e 2 de março de 2022.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Verificar como os telejornalistas de Macapá conseguiram trabalhar durante a Pandemia de Covid-19, no primeiro semestre de 2022;
- b) Identificar quais as dificuldades no fazer telejornalístico durante a Pandemia;
- c) Averiguar qual a expectativa dos telejornalistas da cidade de Macapá em relação ao fazer telejornalístico no pós-pandemia.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Para uma pesquisa ter um embasamento sólido, é necessário que um aparato de técnicas seja seguido. Segundo Gil, “a pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos” (1991, p. 19). A fundamentação teórica é um desses métodos a serem tomados.

Para o referencial teórico, utilizaremos pesquisadores que abordam a comunicação jornalística e o telejornalismo. Dessa forma, abordaremos as práticas telejornalísticas, antes da e durante a pandemia de Covid-19, mais especificamente no formato da Grande Reportagem, que é o nosso produto de pesquisa.

5.1 CARACTERÍSTICAS DO TELEJORNALISMO

Os telejornais têm “um espaço significativo na vida das pessoas” no qual se configuram como “a primeira informação que elas recebem do mundo que as cerca” (VIZEU, 2014, p. 6). Segundo pesquisa realizada em 2019 pelo Senado, a televisão ocupa o segundo lugar como fonte de informação do brasileiro após o surgimento de redes e mídias sociais, perdendo apenas para o aplicativo *WhatsApp*.³ De todo modo, o telejornal segue como um dos formatos informativos da televisão e exerce um papel importante para a construção de uma sociedade.

Para que o telejornal se mantivesse como uma das principais fontes de informação no Brasil, o formato trouxe como uma das principais características o uso da imagem casada ao texto: “...a TV surge com a sua arma poderosa e infalível: a informação visual, a imagem em movimento. Se alguém ouve no rádio uma notícia de grande impacto, logo depois liga a TV, em busca de mais informações” (PATERNOSTRO, 1999, p. 63).

Entender a imagem como um fator importante para a produção de telejornais é um passo fundamental para a construção da informação nesse contexto. Sendo a imagem um dos pilares da TV no telejornal, faz-se necessário a busca pela coesão entre o que se vê e o que se ouve “Para escrever um texto de TV, precisamos, antes de tudo, saber quais as imagens disponíveis que temos para serem usadas de forma coordenada com as informações. Não podemos escrever

³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/12/12/pesquisa-aponta-que-whatsapp-e-a-principal-fonte-de-informacao-de-79-dos-entrevistados>. Acesso em 29/03/2022

uma palavra que seja ignorando as imagens, sem conhecer as imagens” (PATERNOSTRO, 1999, p. 72-73).

Não somente a presença de imagens é um fator determinante para a realização de um telejornal - a qualidade delas deve ser buscada pela equipe de reportagem: “O tempo da notícia no telejornalismo depende sempre da importância jornalística do assunto. Mas também da qualidade das imagens. A qualidade das imagens tem forte peso na televisão” (SQUIRRA, 2004, p. 97).

Para que esse trabalho seja realizado com coerência e qualidade é preciso que pessoas estejam envolvidas nesse processo: “Uma reportagem em televisão é sempre o resultado do trabalho feito por uma equipe multifuncional. O que vai ao ar acontece porque várias pessoas trabalharam juntas e não apenas por obra e graça de algum super-homem, que, na TV, nasceu morto” (CURADO, 2002, p. 23).

A equipe citada, a qual é conhecida nas redações como equipe de reportagem ou equipe de externa, que hoje, em geral, é composta por um telejornalista, na posição de repórter, e um cinegrafista.

De uma maneira mais técnica e prática, no dia a dia de um telejornal, o jornalista como repórter exerce uma função de líder na equipe de reportagem “Dá o ritmo ao time, discute as necessidades do trabalho em campo, reúne as informações, faz as entrevistas e apronta o texto da reportagem” (CURADO, 2002 p. 46-47).

Já o cinegrafista desempenha um papel crucial para a realização completa de uma reportagem. Segundo Costa e Dos Santos (2021), a prática de captação de imagens realizada pelo cinegrafista é de extrema importância para o jornalismo, pois é ele que mostra, através de seu olhar, os acontecimentos distantes. Faz-se necessário assim, uma boa sintonia entre esses profissionais para que imagem e texto sejam capazes de informar da melhor forma.

Para isso, o jornalista - nesse caso específico, o repórter - tem a missão de “traduzir” a informação para o telespectador da maneira mais simplificada possível, sem perder a qualidade. Dessa forma, é fortalecido o papel social que esse profissional desempenha:

[...] o telejornalismo é procurado para, e dele também se exige, a entrega, de maneira fácil e acessível, o “conteúdo” produzido em várias áreas, campos de conhecimento, em vários mundos. Estudar como os seus agentes, os jornalistas, caminham cada vez mais para o didatismo na construção da mensagem nos permite entender mais sobre essa prática social, institucionalizada, coletiva e que precisa cada vez mais de bases teóricas para fortalecermos a tese que jornalismo não se faz apenas com intuição e senso comum, mas contribui para o homem compreender o mundo (VIZEU, 2016, p.16).

Entretanto, ‘traduzir’ informações não é uma tarefa fácil. Segundo Vizeu (2016), o jornalista tem uma preocupação ‘didática’ com a audiência, de forma a respeitar o telespectador ao veicular uma informação. Portanto, o jornalista é capaz de fazer uma mediação entre a informação técnica e o telespectador (audiência). Paternostro acrescenta:

Se o telespectador se desligar, não há desculpas: o erro foi nosso. Quanto mais as palavras (ou o texto como um todo) forem ‘familiares’ ao telespectador, maior será o grau de comunicação. As palavras e as estruturas das frases devem estar o mais próximo possível de uma conversa. Devemos usar palavras simples e fortes, elegantes e bonitas, apropriadas ao significado e à circunstância da história que queremos contar (PATERNOSTRO, 2006, p.78-85).

Existe uma questão entre o que é de interesse para a audiência e o que o telespectador quer saber. Nesse ponto, faz-se necessário que o jornalista pondere sobre o que o manterá em compromisso com a verdade:

A conquista da audiência exige o esforço de todos, mas não é sacrificando o conteúdo do noticiário e os limites éticos do jornalismo que a emissora adquire credibilidade. Se houver confronto entre audiência e credibilidade, deve-se optar pela credibilidade (BARBEIRO, 2002 p. 91).

Sabendo da importância de cada papel realizado pelos integrantes de uma equipe de reportagem, somos levados a compreender a relevância desses profissionais estarem presentes onde a notícia acontece. Squirra (2004) argumenta diferenciando a reportagem de televisão e a reportagem escrita que, segundo o autor, tem o poder de “reconstituir” fatos a serem mostrados, através da descrição. Entretanto, na reportagem de TV, apenas descrever acontecimentos, sem imagens, não é possível mostrar a “[...]verdadeira dimensão dos elementos sociais em atrito” (SQUIRRA, 2004 p.76)

O autor acrescenta:

O telejornalista não poderá “reconstituir” os fatos para mostrá-los — ainda em ação — para os telespectadores, pois os elementos televisivos essenciais da notícia poderão não mais estar presentes no palco do acontecimento. [...] Podemos concordar que, mesmo na TV, é sempre possível descrever o que aconteceu num determinado palco de ação. Mas este recurso poderá diminuir a força dramática da telenotícia (SQUIRRA, 2004, p. 76).

5.2 ADAPTAÇÕES DO TELEJORNALISMO NA PANDEMIA DE COVID-19

Em 11 de março de 2020, a OMS declarou a pandemia de Covid-19. Àquela altura, pelo menos 4.291 mil pessoas já haviam perdido a vida por conta da doença no mundo⁴. Em seguida, apesar de conflitos políticos, uma série de medidas foi tomada no Brasil e no mundo. Durante o período pandêmico, o telejornalismo sofreu modificações e o exercício da profissão passou por desafios.

Apesar das mudanças nas rotinas e funções desenvolvidas pelo repórter de TV ao longo dos anos, é inegável afirmar que a presença no local da notícia e redações é imprescindível para o sucesso de um telejornal. Essas práticas foram colocadas em xeque com a pandemia de Covid-19. Siqueira afirma que:

O papel do repórter segue sendo fundamental no telejornalismo. A distância da redação e das ruas, de fato, tem alguns aspectos negativos. Entre eles, estão as limitações impostas a percepção de detalhes da reportagem, tanto dos locais de gravação quanto das fontes. Há uma barreira a mais ao trabalho de apuração, pois o repórter deixa de estar presente no local da notícia, no contato com os entrevistados (SIQUEIRA, 2020, p. 146).

Cajazeira, Souza e Souza reforçam afirmando que “Em telejornalismo, o repórter precisa estar na rua e, ao estar rua, aumenta o risco de contaminação” (2020, p. 244). Dessa forma, a presença do telejornalista em campo foi feita com cautela pelas TVs brasileiras no período mais crítico da pandemia de Covid-19. Uso de máscara, distanciamento entre entrevistado e repórter e o uso e higienização de dois microfones foram algumas das mudanças identificadas nesse período. Os autores citam essas mudanças como uma revolução no telejornalismo:

De repente, o repórter não pode mais chegar perto do entrevistado. É preciso usar dois microfones direcionais. O repórter ficaria com um, e o entrevistado, com outro microfone, devidamente higienizados. A nova forma de entrevistar respeita o distanciamento social, uma das medidas de prevenção ao novo coronavírus. Não foi a única mudança. O repórter teve que começar a usar máscara, uma maneira de reduzir os riscos de contágio, mesmo que signifique um obstáculo à projeção da voz, algo essencial no telejornalismo, mas que teve que ser relativizado nesta pandemia. (CAJAZEIRA; SOUZA; SOUZA, 2020, p. 244).

⁴ Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/especial-covid-19-quando-as-doencas-viram-numeros-as-estatisticas-da-covid-19/#:~:text=Do%20primeiro%20registro%20ao%20momento,em%204%2C291%20mortes%5B1%5D>. Acesso em 21/04/2022

Essas providências foram tomadas pelas redações de TV para se adaptarem ao novo cenário mundial, permitindo que os telejornais mantivessem uma programação (SAAR; ANDRADE, 2021). Segundo as autoras, houve várias adaptações e maior participação de telespectadores:

Foi possível perceber o uso de máscaras pelos repórteres, entrevistados segurando o próprio microfone nas gravações externas, um grande número de entrevistas via internet, aumento dos “ao vivo” dentro das emissoras e maior participação dos telespectadores nos telejornais (SAAR; ANDRADE, 2021, p. 153).

Essa participação de telespectadores é identificada através do conteúdo colaborativo recebido pelas redações. Esse material pode ser desde sugestões de pautas até mesmo imagens e vídeos enviados pela população, para corroborar com a produção do telejornal.

Assim, a produção desses documentos audiovisuais pessoais é utilizada no telejornalismo como parte da construção narrativa e discursiva, não somente a partir do envio espontâneo pelo telespectador, mas, agora, pela solicitação da equipe de reportagem do telejornal para compor a narrativa dos fatos e acontecimentos (CAJAZEIRA; SOUZA; SOUZA, 2020, p. 243).

Os autores apontam, ainda, essa prática como forma de ressignificar o uso das imagens como uma construção da memória social, para que instigue pesquisadores a refletir sobre as mudanças ocorridas durante esse período histórico (CAJAZEIRA; SOUZA; SOUZA, 2020).

O uso de imagens e vídeos no local do acontecimento em forma de denúncia ou entrevistas caseiras, sendo elas “ao vivo” ou não, são dois dos exemplos de conteúdos enviados às redações: “Esse material é verificado e formatado como notícia de maneira isolada (como um registro) ou acaba incorporado e ampliado através da inserção do mesmo dentro de reportagens ou transmissões ao vivo” (SIQUEIRA, 2020, p. 138).

É a partir daí, segundo a autora, que o repórter assume um papel de “curador”, solicitando e decupando vídeos para assim então estruturar matérias com esse material (SIQUEIRA, 2020).

Outra particularidade identificada no telejornalismo, durante esse período, foi o trabalho remoto. Alguns repórteres precisaram realizar atividades em *home office*, por questões de segurança, como a idade ou comorbidades. Pode-se citar o exemplo do telejornalista Caco Barcellos, que passou a comandar o programa Profissão Repórter, da TV Globo, de sua casa durante 14 meses. Musse, Chaves e Musse corroboram ao afirmar:

O trabalho remoto, a distância, foi uma das marcas mais evidentes no período da pandemia. Trabalhadores de vários setores da economia tiveram como prerrogativa, para cumprir o distanciamento social, realizar suas atividades em casa. No caso da

imprensa, não foi diferente. A nova rotina obrigou os jornalistas mais vulneráveis à Covid-19 a permanecer em home office. No caso específico do telejornalismo, em que a imagem é parte indissociável do conteúdo, assistir aos comentaristas e também aos repórteres mais velhos gravar suas participações do escritório de casa foi uma surpresa [...] (MUSSE; CHAVES; MUSSE, 2020, p. 223).

Ainda sobre o trabalho remoto, os autores analisam a participação de comentaristas exercendo o telejornalismo em casa: “A participação dos comentaristas do programa de suas casas tem evidenciado novas possibilidades de comunicação. Que dão espaço para os erros e até o imprevisto” (MUSSE; CHAVES; MUSSE, 2020, p. 234). Dessa forma, abrem-se reflexões sobre novas possibilidades no fazer telejornalístico a partir dessas experiências vivenciadas no período.

5.3 REPORTAGEM E GRANDE REPORTAGEM DE TV

Para adentrar o modelo de grande reportagem, é necessário, primeiramente, discorrer sobre a reportagem tradicional.

Não há uma data exata que demarque a primeira reportagem. Estima-se que o formato começou a ser usado no final do século XIX no meio impresso. Até então, a maioria dos jornais era nitidamente enviesado e atendia uma parcela específica da população:

Os primeiros jornais circularam a partir de 1609, em centros de comércio, ligados à burguesia, e os primeiros jornalistas incumbiam-se de difundir as ideias burguesas. Algumas décadas mais tarde, os aristocratas, também promoveram a edição de jornais que, de sua parte, divulgavam temas caros à aristocracia, dedicando muito espaço, por exemplo, aos casamentos, viagens de príncipes e festas da corte (LAGE, 2001, p. 10).

Ao longo dos anos, esse formato foi se estendendo para diversas mídias. Com isso, ocorreram algumas revoluções em sua estrutura, já que o avanço tecnológico permitiu que alguns elementos fossem incrementados ao texto para que a mensagem carregasse um número maior de detalhes e informações.

É inegável que, tanto rádio como televisão tenham sido um divisor de águas na comunicação mundial. As palavras e imagens ganharam sons, cores e rostos, e a informação pôde ir além do trivial, tornando-se também entretenimento.

Diante disso, Trigo (2003) faz uma analogia com o vampiro Lestat, que dormira por séculos, acordando apenas no terceiro milênio. Com as novas tecnologias, teve de aprender tudo como se fosse uma criança, e optou por ser uma estrela do rock:

Ele quer usar a mídia para passar uma mensagem; e para conseguir o mais amplo acesso a ela, transforma-se em entretenimento. A ficção na ficção de buscando atingir massas de formas cada vez mais articuladas e complementares. A mesma reflexão poderia ser feita com outros personagens da literatura, das histórias em quadrinhos, dos programas de tevê, do teatro, da música ou do cinema, ou seja, das artes e da mídia em geral. O conhecimento, o lazer, e os vários aspectos da vida transmutam-se em entretenimento para as massas, mediados pelas novas tecnologias de informação (TRIGO, 2003, p. 21).

Essa nova forma de comunicar pode ser vista em várias produções jornalísticas, que passaram a ter elementos cinematográficos como música, choro e som ambiente. É comum ver esses atributos em documentários e nas reportagens mais elaboradas dos telejornais, como homenagens, ou até nas matérias policiais, com sons de tiros e sirenes: “[...] a reportagem em vídeo exige técnicas de edição apropriadas, mas que também emprestam características do cinema” (PINTO, 2011, p. 73).

Para se ter um material de longa duração e que seja capaz de entreter o público, é necessário um esforço maior em todas as etapas: apuração, produção, até realmente concluir o texto, que também é consideravelmente maior do que o da reportagem tradicional. A gravação de imagens também requer, por muitas vezes, equipamentos mais caros e equipes maiores. Tudo isso acaba sendo oneroso para as emissoras de TV na produção de documentários e grandes reportagens:

No caso das grandes reportagens, a dinâmica do trabalho jornalístico e as rotinas impostas por ele permitem que as mesmas sejam veiculadas com um “certo imediatismo” se comparadas com a produção e veiculação dos documentários - até mesmo porque existe uma equipe fixa de repórteres na emissora que estará sempre “a postos” para cobrir um tema que se revelou importante digamos, na semana ou no mês jornalístico, transformando-o em grande reportagem (MELO et al, 2001, p. 4).

Como o próprio nome sugere, a grande reportagem pode ser considerada uma reportagem com maior extensão. Não é apenas isso, mas, primeiramente, é importante trazer as semelhanças entre esses dois modelos.

Com a Revolução Industrial, ler e escrever passou a ser algo mais comum. Começou-se uma série de mudanças já no texto do impresso; dentre elas o uso de termos populares, um linguajar menos rebuscado, novelas, etc. (LAGE, 2001).

Mesmo assim, a parcela atingida ainda não era tão maciça quanto a que o rádio fora capaz de alcançar. Isso exigiu ainda mais modificações linguísticas, para que a informação fosse compreendida pelos ouvintes:

A linguagem ideal aos produtos radiofônicos deve facilitar o entendimento da informação, visto que além da falta de recursos visuais ou tecnológicos que nos permitam verificar novamente ou tentar entender o que nos foi dito, são determinantes também o caráter heterogêneo da audiência e seus hábitos de consumo (BETTI, 2008, p. 4).

Betti ainda ressalta que, no começo do radiojornalismo no Brasil, as notícias eram realmente lidas como estavam nos jornais, com os locutores apenas tonificando a voz em alguns termos de maior importância. Apesar de parecer algo pequeno, esse destaque em alguns verbos ou nomes pode ser considerado um dos embriões do que posteriormente se tornou no texto “narrável”.

Isso não significa que o texto deixou de ser algo importante, pelo contrário, ele sofreu mais algumas modificações para que facilitasse tanto a narração do repórter, como a compreensão do espectador. Paternostro (1999) aponta que frases curtas, atenção à pontuação, além de evitar rimas, cacofonias e pleonasmos, são fatores primordiais em uma matéria de TV.

No entanto, essas propriedades são comuns a reportagens de todos os tamanhos – desde as com menos de dois minutos do Jornal Nacional, até as que duram horas em canais fechados. As mais curtas, por muitas vezes, apenas têm a missão de noticiar um fato ou acontecimento, enquanto as maiores já buscam aprofundar ou desdobrar algo:

O gênero jornalístico grande reportagem consiste na composição sob a forma de um vídeo ou filme, com uma série de informações relativas a um acontecimento particular, da atualidade, ou a um fenômeno da sociedade, tratando os assuntos em profundidade, sob várias facetas (ZANI; BUENO, 2014, p. 632).

Porém, já existe um padrão capaz de realizar um papel semelhante: o documentário. Geralmente há uma certa confusão entre os dois, mas a grande reportagem difere “por ser mais imparcial, feita obrigatoriamente por um jornalista e abordar a maior parte de uma história” (GALVÃO, 2009, p. 7), além de contar, obrigatoriamente, com *off*, sonoras e passagem.

Por conta da natureza do formato, a opinião do jornalista deve ser evitada ao máximo, embora a interpretação seja muito importante na grande reportagem para de fato esmiuçar o assunto que ele deseja abordar sobre várias óticas:

[...] consolida-se a prática da grande reportagem e se fortalece uma de suas formas de expressão por excelência, que é o jornalismo interpretativo, que busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia suas conseqüências no futuro (MAIA, 2008, p. 8 apud LIMA, 1993, p. 25).

Ferreira corrobora com essa ideia ao afirmar que “[...] a ênfase das diferentes visões deve ter a mesma força, e cabe ao jornalista confrontar todos os lados de uma questão para esclarecer os pontos obscuros e não para favorecer uma das partes.” (FERREIRA, 2010, p. 36). Isso porque, segundo a autora, através da prática é possível constatar que não são os recursos tecnológicos que definem uma boa reportagem.

Entretanto, uma possível semelhança presente no formato que se aproxima do documentário é a liberdade criativa que o jornalista tem ao produzir uma grande reportagem. Ferreira argumenta ainda:

A partir do momento em que liberta-se da objetividade reducionista e tecnicista que habitualmente impera na imprensa regular, pode-se, em tese, com esse tipo de reportagem, experimentar novas formas de captação, expandir o leque de fontes de consulta, criar novas maneiras de interação entre o repórter e seus entrevistados e munir-se de instrumentos inovadores na observação do real em suas múltiplas complexidades (FERREIRA, 2010, p. 38).

5.4 JORNALISMO PARTICIPATIVO

Os *media* exercem, segundo Correa, um papel de “instituição estruturante da esfera pública” (2010, p. 73). Sendo essa instituição uma ferramenta mantenedora da democracia, é preciso se atentar para o funcionamento das relações e processos que um meio de comunicação precisa para exercer essa função primária.

Correa reforça ainda que “A existência de instâncias de mediação comunicacional que permitam a formação de uma esfera pública de debate e de participação cultural e cívica é um elemento decisivo para a compreensão da dinâmica cultural e política da nossa modernidade” (2010, p. 73). Entretanto, para que haja um diálogo político, através desses meios de comunicação, a participação ativa da população é mais do que válida - é imprescindível.

Médola e Grzesiuk (2011) utilizam os argumentos da necessidade de transparência e da inconformidade com o conteúdo exposto nos *media* como motivadores para que a população se sinta impulsionada a participar ativamente desse processo democrático “Assim, os indivíduos são motivados a expor suas opiniões, temas diferentes e novos enfoques – representando, assim, a oportunidade para o público se expressar sobre o que lhe interessa e tentar preencher as lacunas da mídia tradicional” (2011, p. 11). Dessa forma esse processo participativo é conceituado pelos autores:

A linguagem do jornalismo participativo – modalidade na qual as pessoas sem formação jornalística participam ativamente da produção de conteúdos noticiosos –, com algumas diferenças, também pode ser identificada em práticas de produção e conteúdos denominadas como jornalismo colaborativo, cidadão, *grassroot* ou *open source*. Num primeiro olhar, tais produções sugerem a predominância de posturas geralmente mais opinativas e com maior subjetividade – características que podem ser apontadas e analisadas pelas marcas enunciativas dos discursos correspondentes (MÉDOLA; GRZEIUK, 2011, p. 86).

Esse fenômeno não é um processo identificado somente nos dias de hoje. De maneira mais limitada, as cartas e telefonemas, por exemplo, eram o ponto de interação entre jornais e a população.

Pode-se acrescentar que qualquer noticiário inclui sempre, em alguma medida, a participação de seu público. Antes do e-mail, essa participação já ocorria através de cartas e ligações, por exemplo, na forma de sugestões de pauta ou mesmo para alguma seção do tipo ‘cartas do leitor’ (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 3).

O avanço tecnológico foi responsável por uma aproximação ainda mais eficaz, nos dias de hoje, entre a população e o jornalismo. Médola e Grzeiuk justificam o avanço da interatividade nesse processo “[...] foi por meio da Internet que a prática se tornou mais comum. Interativa por excelência, a *web* disponibiliza ferramentas de produção e distribuição de informações por parte de qualquer indivíduo” (2011, p. 86).

Entretanto, nada disso é possível de maneira eficaz sem a presença de um mediador capacitado para que o diálogo tenha qualidade de conteúdo. Segundo Marques “O jornalista é o profissional que alia conhecimentos técnicos a uma boa redação. Tem responsabilidades especiais, porque determina ou influencia o público através do que escreve. A sua actividade primária é observar e descrever eventos” (MARQUES, 2008, p. 4). E é o jornalista que entra com o papel de mediador e organizador das ideias e informações trazidas e sugeridas pela população.

Ainda segundo Marques, o cidadão não é obrigado a entender e saber das técnicas necessárias para veiculação de informação de maneira correta, ética e de qualidade: “[...] é que a informação é encarada como uma mercadoria, estando sujeita às leis do mercado. Deste modo, a informação publicada pelos cidadãos não está ligada às regras morais e legais do jornalismo tradicional” (MARQUES, 2008, p. 26). Dessa forma, faz-se necessária a presença de um profissional jornalista para fazer um crivo das informações repassadas. Profissional esse que, acima de tudo, precisa ter o compromisso com a ética.

Médola e Grzesiuk reforçam essa ideia, onde o cidadão comum, detentor de nenhuma formação jornalística, necessita de orientação e revisão de informações para que esse processo democrático comunicacional ocorra da melhor forma:

Parte-se do pressuposto de que suas motivações, objetivos e relações com os fatos serão diferentes, e seus textos terão características mais opinativas e dotados de maior subjetividade – o que poderá ser apontado e analisado a partir das marcas linguísticas textuais. Por isso é importante estudar essas diferenças, à medida que a participação e a interatividade são cada vez mais valorizadas na comunicação atual e têm potencial para trazer mudanças para a prática do jornalismo (MÉDOLA, GRZEIUK, 2011, p. 86).

5.5 TELEJORNALISMO PARTICIPATIVO

Cajazeira afirma que “A televisão, como importante meio de comunicação de massa, fez a sociedade entender o mundo por meio das telas” (CAJAZEIRA, 2020, p. 239). Entretanto esse conceito de “noção de público de televisão”, segundo o autor, só foi formado quando ele chama de fase populista, registrada entre os anos de 1964 e 1975. Nessa época, os aparelhos de TV já não se restringiam apenas ao trecho Rio-São Paulo. (CAJAZEIRA, 2020, p. 241-242).

É em 1964, ainda segundo Cajazeira, que a TV assume um papel decisivo na construção da rotina da população, no contexto em que estava inserida: “[...] a televisão – aparelho e programação –, aparece como uma parte indissociável do cenário e da rotina familiar, ocupando um lugar de destaque na família brasileira.” (CAJAZEIRA, 2020, p. 242). Exercendo um papel de mediador na sociedade, o telejornalismo, acrescenta o autor, recebe uma participação mais elaborada do público.

Nessa conjuntura de maior atuação do público no telejornalismo, Médola e Grzesiuk podem ratificar com a ideia de espaço democrático através do jornalismo participativo:

Se no jornalismo tradicional, o repórter busca incluir diversas fontes numa mesma matéria, como forma de garantir a pluralidade (e portanto buscar a imparcialidade), no jornalismo participativo isto acontece por meio de abertura para que todos os envolvidos possam também publicar suas matérias e seus respectivos posicionamentos (MÉDOLA; GRZEIUK, 2011, p. 94).

Na TV, assim como no jornalismo em geral, o conteúdo colaborativo foi impulsionado pelo crescimento tecnológico. Porém, há algumas premissas que justificam o crescimento desse fenômeno no meio. Um dos argumentos apontados por Oliveira e Montavani é que:

Muitas vezes, a lógica da colaboração entre jornalistas e cidadãos comuns, para a produção de conteúdo, é justificada e também estimulada por essa ideia de que nem

todos os jornalistas conseguem estar no local no momento de um acontecimento e que, portanto, um possível colaborador poderia cumprir tal função de quase onisciência e ubiquidade (OLIVEIRA; MONTAVANI, 2018, p. 78).

Costa reforça essa ideia ao afirmar que “Os conteúdos enviados para as redações de telejornais, como fotografias e vídeos de acontecimentos, advindos de diferentes aparatos tecnológicos, contribuem para a criação de atalhos facilitadores para que a produção do telejornal chegue até a notícia [...]” (COSTA, 2015, p. 38). Além disso, a autora reforça que tendo uma tendência de exclusividade essa atuação do público dá a ele “o *status* de parceiro da produção” (COSTA, 2015, p. 38).

Assim como o rádio e o jornal impresso, o telejornal teve sua existência colocada em discussão após o surgimento da internet. Com isso, o argumento de que a utilização do conteúdo colaborativo para garantir a sustentação do telejornalismo ainda é debatida. Costa reflete sobre a ideia de que esse tipo de conteúdo seja, realmente, uma ferramenta democrática:

Entretanto, esse espaço aberto para o telespectador não é tão democrático como se apresenta. Ao enviar qualquer tipo de conteúdo para o telejornal, o indivíduo quer ser participante e atuante, mas não tem garantia da parte da produção que o material enviado será selecionado e exibido nos programas de jornalismo. Por causas dos processos produtivos que são muito mais implícitos que explícitos ao telespectador, o controle dos conteúdos exibidos continua com os produtores dos telejornais e não com os telespectadores como é constantemente proposto (COSTA, 2015, p. 40).

A autora acrescenta ainda que “O telejornalismo se apresenta, então, como uma construção fragmentada, que é intermediada por fatores que o levam a informar, mas também por estratégias que precisa manter para atrair a audiência” (COSTA, 2015, p. 34). Essa afirmativa é tonificada por Vizeu quando ele chama o telejornalismo de “Praça Pública” que usa a publicização de fatos como justificativa para a democracia: “O noticiário televisivo se converteu em um lugar onde se pratica, de uma forma simulada, o exercício democrático das grandes questões sociais” (VIZEU, 2002, p. 2).

Apesar de todas as questões que envolvem essa discussão é válido refletir e tentar analisar o jornalismo colaborativo como um facilitador para todos os lados envolvidos.

[...] acredito que não podemos analisar o jornalismo de uma forma reducionista. [...], o campo jornalístico é extremamente complexo e na rotina da redação o jornalista trava uma luta diária para não romper os limites da ética. Como afirmei anteriormente, não é uma tarefa fácil (VIZEU, 2002, p. 9).

6 METODOLOGIA

A cobertura telejornalística, na cidade de Macapá, durante a Pandemia de Covid-19, realizada pelas emissoras Rede Amazônica e TV Equinócio, foi o objeto de pesquisa escolhido no formato de grande reportagem para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, na forma de Projeto Experimental.

A metodologia utilizada para o processo da realização deste memorial foi a pesquisa qualitativa, a qual Flick define como:

[...] a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo (FLICK, 2009, p.16).

Quanto aos objetivos, utilizamos a pesquisa exploratória, que segundo Prodanov e Freitas tem o caráter de “orientar a fixação dos objetos” formar as hipóteses ou encontrar diferentes enfoques sobre o assunto, esse tipo de pesquisa de acordo com os autores tem um planejamento flexível permitindo o estudo de determinado tema a partir de diferentes aspectos. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51)

A partir de fevereiro de 2022, as produções da grande reportagem foram iniciadas na cidade de Macapá, com a captação de imagens das rotinas de três equipes de externa e coleta de entrevistas. O processo de filmagens, entrevistas, produção de texto telejornalístico e edição foi realizado entres os meses de fevereiro e abril de 2022.

A pesquisa de campo foi a primeira etapa utilizada para produção do projeto, através da captação de imagens e áudios de apoio das rotinas vividas pelas equipes de TV da cidade de Macapá. Prodanov e Freitas determinam o conceito de pesquisa de campo:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisa-los (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 59).

Com isso, o método de coleta de dados da pesquisa, especificamente na fase da produção do produto, foi a entrevista. Método esse utilizado durante e após a captação de imagens de apoio. Prodanov e Freitas definem a entrevista como arrecadação de informações de determinados entrevistados sobre algum assunto ou problema (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Foram selecionados, ainda na fase de produção de pauta da grande reportagem de TV, três entrevistados, sendo cada um deles telejornalistas das TVs: Rede Amazônica e TV Equinócio. Durante o processo de produção, foi possível colher, ainda, a entrevista de uma nova telejornalista, de um cinegrafista e um cidadão telespectador. Todas as entrevistas feitas na produção da grande reportagem, que segundo Prodanov e Freitas devem ser realizadas “face a face” baseadas ou não em um roteiro com questões pré-estabelecidas (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.106), seguiram o modelo não estruturado. Os autores também caracterizam esse tipo de entrevista: “[...] não existe rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção. Em geral, as perguntas são abertas;” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 106).

Por sua característica, que foge do convencional das notícias de telejornal, a produção da grande reportagem possibilita maior liberdade de criação e dinamismo na veiculação das informações. Dessa forma, na produção deste projeto, foi possível acrescentar três novas fontes de entrevista durante o processo de acompanhamento das equipes de reportagem, fugindo do roteiro pré-definido.

Degl’iesposti argumenta que uma boa história pode estar em uma entrevista com alguém que não estava no centro da notícia ou acontecimento (DEGL’IESPOSTI, 2009). O autor acrescenta ainda sobre a importância do repórter nas ruas para a produção de uma boa reportagem “Exige que o repórter não se limite a reproduzir a informação que chega via fax, nas notas e releases de fontes oficiais. Ele precisa vivenciar o dia-a-dia nas ruas, e, por meio da técnica da entrevista, pegar o lado dos coadjuvantes, aqueles que possuem uma visão dos bastidores da notícia” (DEGL’IESPOSTI, 2009, p. 87).

Ainda segundo Degl’iesposti ao escrever uma reportagem com profundidade que mostre outras perspectivas da rotina dos jornais é necessário um bom senso de observação (DEGL’IESPOSTI, 2009). Dessa forma foi necessário acompanhar cinco pautas diferentes, cobertas pelas equipes, para de fato registrar no projeto a realidade desses profissionais.

Para a captura de imagens de apoio e entrevistas foi utilizado como equipamento de audiovisual: uma câmera DSLR Nikon D5300, com as lentes 50mm f/1.8 e 55-300mm f/3.5-5.6, além de um celular Samsung S20 FE, acoplados a um tripé durante entrevistas paradas e câmera na mão durante o acompanhamento das rotinas. Para a captura de áudio foi feito o uso de um microfone de lapela no modelo BOYA M1DM, BOYA BY-M1, de um celular *Samsung* para captura de áudio externo e um gravador ZOOM H6 Handy Recorder para os OFFs.

7 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A escolha do tema abordado, neste projeto experimental, surgiu a partir de uma necessidade de mostrar a realidade vivida por profissionais do telejornalismo durante o período menos crítico da Pandemia de Covid-19. Para que, dessa forma, fosse possível identificar as mudanças, permanentes ou não, causadas pelo período pandêmico nas equipes de telejornalismo de Macapá.

Com isso, foi possível delimitar três equipes de reportagem das emissoras Rede Amazônica e TV Equinócio. A primeira equipe acompanhada era composta pelo repórter Wilk Dias e o cinegrafista Ronaldo Brito; a segunda equipe, a repórter Karina Rodrigues e o cinegrafista Nixon Frank, ambos pertencentes a Rede Amazônica. A terceira equipe cedida pela TV Equinócio era composta pela repórter Luciane Alves e o cinegrafista Paulo Leal.

Em paralelo ao acompanhamento de cada equipe de reportagem foram realizadas entrevistas individuais. A escolha desses entrevistados principais, que serviriam de base para a narrativa da reportagem, foi feita de acordo com a disponibilidade de cada empresa, no período de gravação estabelecido pelos autores deste projeto experimental.

O primeiro entrevistado foi o repórter Wilk Dias, da Rede Amazônica. Wilk é jornalista desde 2015 e teve experiência como operador de áudio da Rede TV. Em seguida, se tornou repórter da emissora e fez parte da empresa durante três anos. Após passar um período na produção, ele se tornou repórter da Rede Amazônica em 2022.

A segunda entrevistada foi a jornalista Luciane Alves, formada na primeira turma de jornalismo da faculdade SEAMA (atual Estácio Macapá). No começo da carreira, foi estagiária, apresentadora de rádio e chegou a ocupar o cargo de direção de jornalismo. Há quatro anos, atua como repórter da emissora TV Equinócio.

A terceira repórter entrevistada foi Karina Rodrigues, formada na primeira turma de jornalismo da UNIFAP. Karina também apresentou no rádio, foi repórter de jornalismo impresso e teve sua primeira experiência com o telejornalismo na Rede Amazônica.

No dia 8 de fevereiro de 2022, a equipe do repórter Wilk Dias e do cinegrafista Ronaldo Brito foi acompanhada durante a cobertura de duas pautas no período matutino. Por regras da empresa, não foi possível acompanhá-los no veículo da emissora, fazendo-se necessário o uso de transporte próprio. Dessa forma, enfrentamos um pequeno desafio ao seguir a equipe até o destino da primeira pauta. Foi necessário o uso de GPS para não perder o endereço correto, devido ao trânsito do horário de pico matutino na cidade de Macapá.

No decorrer das pautas, com a equipe de Wilk, foi possível adicionar na narrativa uma nova fonte: o guarda municipal Jackson Sena, que durante uma conversa informal cedeu seu depoimento. Ao final da cobertura das pautas, a equipe retornou à redação, sendo possível a captura de novas imagens de apoio e coleta de informações, através de perguntas sem roteiro pré-definido.

No dia 9 de fevereiro de 2022, estivemos com a equipe da repórter Karina Rodrigues e do cinegrafista Nixon Frank, durante a cobertura de uma pauta realizada também no período da manhã.

A equipe da repórter Luciane Alves e do cinegrafista Paulo Leal foi acompanhada no dia 17 de fevereiro, durante a cobertura de duas pautas na cidade de Macapá, também no período matutino. Mas, como Luciane entra ao vivo no primeiro jornal do dia, tivemos que sair de Santana, cidade vizinha, ainda de madrugada.

Diferente das outras equipes, foi possível realizar o acompanhamento dos profissionais no veículo da empresa, sendo possível gravar imagens e conversas com os profissionais a caminho de cada pauta. Inclusive, realizamos a entrevista com Paulo Leal dentro do carro.

Durante a cobertura da primeira pauta feita pela equipe, realizada no Batalhão da Polícia Militar, foi necessário esperar mais tempo do que o previsto devido a atrasos de autoridades que precisariam estar presentes para o início do evento no local. Entretanto, foi possível testemunhar o trabalho de outras equipes de diferentes emissoras na mesma pauta.

É importante ressaltar um detalhe, onde a repórter ainda na redação prestes a sair para a primeira pauta, sofreu um pequeno acidente com a roupa escolhida, precisando assim fazer a troca. Dessa forma fica clara a razão da incoerência de vestimentas, em um mesmo dia de gravação, na grande reportagem.

Durante esse processo com as equipes acompanhadas foram feitas capturas de imagens de todo o processo jornalístico, desde a saída da redação, os contatos prévios com os entrevistados e o retorno às redações para a produção das matérias. Todas as imagens da rotina vivida pelos profissionais foram registradas com a câmera e celular na mão, fazendo uso de vários tipos de plano, como aberto, médio e detalhe.

Nesse processo, ambas as emissoras foram extremamente cordiais com nosso trabalho, apresentando nossa equipe aos entrevistados e assessores, tornando a nossa presença agradável e bem-vinda.

Além da cobertura de cada equipe, foram realizadas entrevistas individuais com cada repórter. O único desafio encontrado para realização dessa parte do processo foi conseguir captar a entrevista com a repórter Karina Rodrigues, que em um primeiro momento seria

realizada no dia 19 de fevereiro. Porém, por uma emergência profissional no horário marcado, a repórter precisou remarcar para o dia 21 do mesmo mês.

Para captura das imagens, foi utilizada uma câmera acoplada a um tripé em plano médio e um celular captando som através do microfone de lapela, acoplado ao entrevistado. Durante a entrevista com Luciane Alves, foi possível inserir na reportagem novos elementos à narrativa. A repórter Núbia Pacheco foi uma delas, a partir do momento em que foi comentada a história do cinegrafista Marcio Bacellar, morto vítima da Covid-19 em 2021. Dessa forma realizamos uma entrevista com a repórter no dia 2 de março.

Portanto, a ordem cronológica de entrevistas ficou assim:

- Dia 11 de fevereiro: Repórter Wilk Dias
- Dia 16 de fevereiro: Repórter Luciane Alves
- Dia 21 de fevereiro: Repórter Karina Rodrigues
- Dia 2 de março: Repórter Núbia Pacheco

Durante o processo de escrita do texto jornalístico e edição do material colhido, a cobertura da equipe dos repórteres Luciane e Wilk serviu como papel norteador da narrativa contada na grande reportagem, tendo como plano de fundo todos os outros elementos e personagens como agregadores ao conjunto desse projeto. Assim, foi possível mostrar, além da rotina, as experiências vividas por esses profissionais.

Para a gravação da terceira passagem da grande reportagem, utilizamos como inspiração e referência a grande reportagem realizada pelos repórteres Gabriela Moreira e Rodrigo Capelo para o Fantástico da Rede Globo, sobre irregularidades do time mineiro Cruzeiro, veiculada no dia 26 de maio de 2019. Na ocasião, a filmagem ocorreu em frente à sede do clube e vimos como uma boa alternativa, já que a ideia era gravar em frente à fachada da Rede Amazônica⁵.

Além disso, também tivemos como inspiração de enquadramentos de imagens a grande reportagem produzida pelo repórter Romeu Piccoli, para o Câmera Record, sobre pessoas sem registro de nascimento no Brasil⁶.

Ao fim da edição foi necessário inserir uma legenda explicativa ao final da grande reportagem devido a liberação do uso de máscaras, no dia 7 de março de 2022, na cidade de Macapá, para contextualizar o período da realização do material. Além disso, legendamos o

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yRk-02rTNZg>. Acesso em 10/02/2022

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6LGkdEliPU4>. Acesso em 05/02/2022

depoimento do cinegrafista Paulo Leal, para melhor entendimento do telespectador, devido ao áudio capturado com ruído externo.

Outro desafio encontrado durante a edição foi com o áudio capturado na entrevista com a repórter Núbia Pacheco, a qual teve o áudio *estourado*. Dessa forma, foi necessário um trabalho de restauração do arquivo no programa de edição Audacity.

Na edição da grande reportagem, quase tudo funcionou conforme o planejado, já que a captura das imagens e a maioria dos áudios estavam bons. Não houve a necessidade de implementar muitos efeitos visuais, já que essa não era a proposta da matéria. Em contrapartida, dedicamos alguns minutos para a animação do cronograma vacinal.

Porém, a maior dificuldade se deu pela ausência de imagens de apoio da TV Equinócio quanto ao período mais delicado da pandemia, que envolveu os anos 2020 e 2021. Solicitamos mais de uma vez à emissora, mas não obtivemos resposta. As reportagens disponíveis online, que utilizamos como apoio, já são posteriores à época mais crítica da doença.

Quanto à Rede Globo, os registros estavam todos na plataforma de *streaming* Globoplay, mas apenas em HD 720p, diferentemente das filmagens em 1080p e 4K que realizamos. Porém, por conta da alta qualidade das câmeras de ambas as emissoras, a diferença ficou praticamente imperceptível a olho nu.

A grande reportagem foi majoritariamente editada pelo programa Adobe Premiere 2020, por conta da afinidade e recursos do aplicativo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que os objetivos propostos por este projeto fossem alcançados, foi necessário a imersão na rotina dos profissionais de telejornalismo das emissoras selecionadas. Registrar o modo de operação de repórteres e cinegrafistas durante um período específico da pandemia de Covid-19 e como cada um desses profissionais lidou com as mudanças impostas a eles foi de extrema importância para o resultado deste produto.

A escolha do formato Grande Reportagem foi pensada a partir das características do objeto estudado. Dessa forma, a rotina diária de jornalistas de um telejornal na produção de notícias e reportagens puderam ser vivenciadas durante a produção do produto: a busca de fontes; captação de imagem e áudio; técnica de entrevistas aplicadas; humanização da pauta. Com isso, o formato pôde representar e registrar da melhor forma a realidade desses profissionais.

Os objetivos propostos para esse projeto foram alcançados, porque conseguimos produzir uma grande reportagem, que registrou de que maneira profissionais de telejornalismo, da cidade de Macapá, atuaram durante a Pandemia de Covid-19, no primeiro semestre de 2022, mais especificamente nos meses de fevereiro e março. Foi possível identificar, por meio das entrevistas, dificuldades vivenciadas por esses profissionais, como ataques à imprensa, perda de vidas próximas e medo do vírus. Além disso, foi possível mostrar o posicionamento de cada um sobre o futuro da profissão.

Concluimos que, durante o período registrado pela grande reportagem, os profissionais de telejornalismo se mostraram adaptados às mudanças na rotina geradas pela pandemia de Covid-19. Ainda assim, identificamos algumas diferenças entre emissoras no que tange aos cuidados contra o vírus. A TV Equinócio permaneceu com o uso de máscaras e higienização de microfones, entretanto o distanciamento e o uso de dois microfones foram práticas descartadas.

Da mesma maneira, a emissora Rede Amazônica permaneceu com o uso de máscaras e higienização de microfones como protocolos de proteção contra a Covid-19. Entretanto, o distanciamento e a utilização de dois microfones continuaram a ser adotados pelos profissionais durante as coberturas, mesmo com a diminuição do número de casos da doença em fevereiro e março de 2022.

A produção desta grande reportagem registrou um recorte de um momento histórico de proporções mundiais. Com isso, podemos afirmar que registros, em audiovisual, de uma realidade vivida por profissionais do telejornalismo são de suma importância para contribuir com o acervo histórico jornalístico do estado do Amapá.

Com o aprendizado obtido durante a academia, foi possível entender e aplicar técnicas na produção de uma grande reportagem de TV com um tema de relevância. Com isso, nos sentimos satisfeitos em colaborar com essa estrutura em crescimento, que é o telejornalismo amapaense, disponibilizando nosso trabalho para demais pesquisas sobre o tema e período que vivenciamos.

Sabemos que o assunto não se encerra aqui, que a pandemia não acabou e que muito ainda pode ser pesquisado. Como será o telejornalismo no pós-pandemia? As redações vão ser reduzidas devido ao uso da tecnologia, como entrevistas on-line? O repórter precisa se reinventar após a explosão de conteúdo colaborativo nas TVs? Certamente, há muitos problemas para se investigar. Porém, acreditamos que este projeto experimental supre parte desses anseios científicos e abre as portas para outras pesquisas e produtos audiovisuais.

9 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BETTI, Juliana Gobbi. **Radiojornalismo e linguagem: as transformações nos modelos de rádio informativo**. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Rio de Janeiro. VI Congresso Nacional de História da Mídia - 200 anos de mídia no Brasil - Historiografia e Tendências. Rio de Janeiro: UFF - Universidade Federal Fluminense, 2008.

CAJAZEIRA, P. E. S. L. **Historicidade da participação e interação no jornalismo televisivo**. *Revista Brasileira de História da Mídia*, vol. 9, n. 1, janeiro-junho, pp. 237-254, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/9041/6419>. Acesso em 27/05/2022.

CHAVES, Ana Paula Dessupoio, MUSSE, Christina Ferraz, MUSSE, Mariana Ferraz. **Os cenários do telejornalismo em tempos de Pandemia**. In: EMERIM, Cárilda, PEREIRA, Ariane, COUTINHO, Iluska (orgs). **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

CORREIA, João Carlos. **Novos jornalismo e vida cívica: limites e possibilidades do "jornalismo deliberativo"**. In: MORGADO, Isabel Salema; ROSAS, António. *Cidade digital*. Covilhã: LabCom, 2010. Disponível em: www.academia.edu/385865/Novos_Jornalimos_e_vida_c%C3%ADvica_limites_e_possibilidades

COSTA, Ana Manuela Arantes. **Telejornalismo e cidadania: o conteúdo colaborativo e a participação do telespectador na dinâmica do Jornal Nacional e J A 2ª edição**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Versões impressa e eletrônica. A versão eletrônica com texto completo. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5001>. Acesso em: 29/06/2022

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

DEGL'IESPOSTI, Júlio César. **A grande-reportagem na televisão brasileira. Um estudo do Globo Rural**. Dissertação de Mestrado, Casper Líbero. São Paulo: 2009. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/A-grande-reportagem-natelevis%C3%A3o-brasileira.pdf>. Acesso em 26/05/2022.

FERREIRA, Brunella Menezes. **Viagem pela grande reportagem televisiva: o desafio do jornalismo investigativo na Rede Globo no Brasil (1997- 2007)**. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1650/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Brunella.pdf>. Acesso em: 20.abr.2015

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HOMRICH, Lalo Nopes. **As funções discursivas da edição no telejornalismo: uma análise sobre as reportagens na cobertura dos atentados em Santa Catarina (2012-2014)**. 2015. Dissertação (Pós-graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, [S. l.], 2015.

GIL, Antonio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ. **Amapá alcança 100 mil vacinados com a primeira dose contra a covid-19.** Disponível em: <<https://portal.ap.gov.br/noticia/1305/amapa-alcanca-100-mil-vacinados-com-a-primeira-dose-contra-a-covid-19>>. Acesso em: 29 de mar. 2022.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001

LIMA, E.P. **O que é livro-reportagem.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, E.P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas: Unicamp, 1993.

MAIA, L. P. **A grande reportagem como criação literária: a experiência da Universidade Federal do Paraná. 2008**

MARQUES, Cheila Sofia Tomás. **O Cidadão Jornalista: Realidade ou Ficção?** In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC), 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/marques-cheila-cidadao-jornalista-realidade-ou-ficcao.pdf>>. Acesso em 25/05/2022.

MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi; GRZESIUK, Mariana Dourado. **Jornalismo participativo, subjetividade e práticas discursivas.** Revista Faac, v. 1, n. 1, p. 85-95, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/134714>>. Acesso em 02/06/2022

MELO, C. T. V. de; GOMES, I. M.; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** Campo Grande, 2001.

OLIVEIRA, Débora Ferreira de; MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves. **Os cenários do telejornalismo em tempos de pandemia.** Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e-Com, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 72-94, 1. sem. 2018. Disponível em : <<https://revistas.unibh.br/ecom/article/view/2602/1313>>. Acesso em: 8 jun. 2022.

OLIVEIRA, Thayane. **Especial Covid-19 | Quando as doenças viram números.** Disponível em: <<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/especial-covid-19-quando-as-doencas-viram-numeros-as-estatisticas-da-covid-9/#:~:text=Do%20primeiro%20registro%20ao%20momento,em%204%2C291%20mortes%5B1%5D>>. Acesso em 21/04/2022

PACHECO, Jhon. **Governo do AP decreta lockdown em todo o estado;** Macapá terá rodízio de veículos. G1, Macapá, 15 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/05/15/governo-do-ap-decreta-lockdown-em-todo-o-estado-macapa-tera-rodizio-de-veiculos.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2022.

PATERNOSTRO, Vera Íris (1999). **O texto na TV: manual de telejornalismo.** 161. Reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier.

PINTO, C.X. da S. **O documentário como produção jornalística: nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão em jornalismo.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011

PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias.** Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013

SAAR, C. M., ANDRADE, E. **A pandemia de Covid-19 e as mudanças no telejornalismo na cidade de Macapá** in *Revista Estudos de Jornalismo*, n. 13, p. 152-172, 2021.

SANTOS, M. Z. A. B.; COSTA, R. F. (2021). Cinegrafistas: as lentes do telespectador. *Anagrama*, 12(2). Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2018.150126>>. Acesso em 26/05/2022

SENADO. **Pesquisa aponta que WhatsApp é a principal fonte de informação de 79% dos entrevistados**. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/12/12/pesquisa-aponta-que-whatsapp-e-a-principal-fonte-de-informacao-de-79-dos-entrevistados>>. Acesso em: 29 de mar. 2022

SIQUEIRA, Fabiana. **Fora das ruas e das redações: A nova rotina produtiva dos repórteres de TV em casa**. In: EMERIM, Cárlica, PEREIRA, Ariane, COUTINHO, Iluska (orgs). **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020

SOUZA, José Jullian Gomes de, CAJAZEIRA, Paulo Eduardi Lins, SOUZA, Paulo Henrique Rodrigues de. **Uso das imagens de arquivo pela TV local em tempos de cobertura jornalística**. In: EMERIM, Cárlica, PEREIRA, Ariane, COUTINHO, Iluska (orgs). **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

SQUIRRA, S. **Aprender telejornalismo: produção técnica**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TRIGO, L. G. G. **Entretenimento: uma crítica aberta**. São Paulo: Senac, 2003.

VIZEU, A. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 1.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VIZEU, A. **Telejornalismo, audiência e ética**. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>>. Acesso em 25/05/2022.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. **65 anos de televisão: o conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica**. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 23, n. 3, set/dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.3.22638>>. Acesso em 27/05/2022

ZANI, J. B.; BUENO, Luzia. **O gênero grande reportagem: uma análise possibilitada pelo diálogo entre o ISD e aportes teóricos dos textos orais**. *Eutomia*, Recife, p. 626-638, 2014.

10 APÊNDICES

A. PAUTA DA GRANDE REPORTAGEM

Retranca

DESAFIOS/PANDEMIA

Roteiro

1- Acompanhar a externa da TV Amapá com Wilk Dias e Ronaldo Brito

08 de fevereiro - 8h

2- Acompanhar a externa da TV Amapá com Karina Rodrigues e Nixon Frank

09 de fevereiro - 8h

3- Acompanhar a externa da TV Equinócio com Luciane Alves e Paulo Leal

17 de fevereiro - 6h

4- Verificar pessoalmente com os repórteres qual o melhor dia para a entrevista individual

Contatos

Arilson Rodrigues (Diretor da TV Amapá) - (96)

Josi Paixão (Diretora da TV Equinócio) - (96) 99122-2269

Karina Rodrigues (Repórter da TV Amapá) - (96) 98121-5153

Wilk Dias (Repórter da TV Amapá) - (96)

Proposta

Elaborar uma grande reportagem sobre os desafios da cobertura telejornalística na cidade de Macapá durante a pandemia de Covid-19, acompanhando a rotina de três equipes de externa de diferentes emissoras.

Encaminhamento

Trazer a rotina das equipes através de bastidores, como filmagens de dentro do carro, preparativos para o começo de uma gravação, captura de entrevista etc.

Mostrar a importância da participação popular durante a pandemia, e como ficaram os laços entre o povo e os meios de comunicação no período.

Analisar quais mudanças a Covid-19 trouxe para os canais jornalísticos, desde as medidas sanitárias até as novas formas de se comunicar

Verificar como cada emissora lidou com os impactos internos, como as agressões aos profissionais da Rede Globo.

B. TEXTO DA GRANDE REPORTAGEM

OFF 1 – UMA DAS PROFISSÕES MAIS AFETADAS PELA PANDEMIA. O REPÓRTER. O TRABALHO REQUER A PROXIMIDADE DA POPULAÇÃO, PRINCIPALMENTE EM PAUTAS COMUNITÁRIAS. DOS DIAS 8 ATÉ 17 DE FEVEREIRO DE 2022, NÓS ACOMPANHAMOS TRÊS EQUIPES DE REPORTAGEM PARA MOSTRAR OS BASTIDORES QUE NÃO APARECEM NA TELEVISÃO.

(+- 3 segundos com imagens para transição e entrar na passagem)

(IMAGEM JOSÉ ENTRANDO NO ESTÚDIO E LUCIANE ENTRANDO AO VIVO)

OFF 2 - A ROTINA COMEÇA BEM CEDO PARA LUCIANE ALVES, DA TV EQUINÓCIO, FILIADA DA REDE RECORD NO AMAPÁ. A REPÓRTER FAZ O PRIMEIRO VIVO DO DIA - ÀS SETE HORAS - PARA O PROGRAMA JORNAL DA MANHÃ.

(TAKES DO VIVO)

OFF 3 - APÓS A PARTICIPAÇÃO, LUCIANE E O CINEGRAFISTA PAULO LEAL PARTEM PARA A PRIMEIRA PAUTA DO DIA – O ANIVERSÁRIO DA POLÍCIA MILITAR DO AMAPÁ

(CLÍPE DA POLÍCIA)

(TAKES DA RECORD MESCLANDO COM NOSSAS IMAGENS DE APOIO EXCEDENTES)

PASSAGEM 1 - REPORTAGENS POLICIAIS NÃO SÃO GRANDE NOVIDADE PARA LUCIANE. A REPÓRTER COMEÇOU A CARREIRA COBRINDO AS APREENSÕES NA MADRUGADA. DIANTE DO PERIGO DESSAS COBERTURAS, ELA ACREDITA QUE A LEVEZA AO ABORDAR OS ENTREVISTADOS É ALGO FUNDAMENTAL PARA O SUCESSO DA REPORTAGEM.

SONORA 1 - LUCIANE ALVES - 0:00 até 0:34 “...sabe.”

OFF 4 – E FOI ASSIM QUE LUCIANE COMEÇOU A SER RECONHECIDA COMO UMA REPÓRTER DO POVO – IMAGEM QUE GANHOU FORÇA QUANDO ELA CHEGOU À TV EQUINÓCIO.

SONORA 2 – LUCIANE ALVES – (0:56-1:05) “estou aqui...” até “...apresentação” / (4:26-4:51) “A gente é bem conhecido...” até “...poucos segundos, poucos minutos”)

OFF 5 – E APÓS A COBERTURA DO ANIVERSÁRIO DA POLÍCIA, SEGUIMOS JUSTAMENTE PARA UMA PAUTA COMUNITÁRIA, NO BAIRRO RENASCER.

OFF 6 - PRIMEIRO, A REPÓRTER REALIZOU UM STAND-UP PARA O PROGRAMA BALANÇO GERAL. DURANTE A GRAVAÇÃO, O CARINHO DA COMUNIDADE NÃO FICOU ESCONDIDO. MAS ISSO NÃO ATRAPALHOU A COBERTURA - PELO CONTRÁRIO, É UMA DAS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO DE LUCIANE.

- SONORA 3 – LUCIANE ALVES - (0:21-1:02) “o carinho é muito grande...” até “...a rua” – usar apoio

OFF 7 – MAS, COM A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS, ESSA REALIDADE MUDOU. O TELEJORNALISMO PASSOU POR VÁRIAS TRANSFORMAÇÕES DESDE A REDAÇÃO ATÉ A EXTERNA - EM ESPECIAL, POR CONTA DAS MEDIDAS DE DISTANCIAMENTO.

SONORA 4 – LUCIANE ALVES – (4:53-5:10) “pra mim foi difícil...” até “...é bem difícil”

OFF 8 – PARA LUCIANE, A NOÇÃO DA GRAVIDADE DA PANDEMIA NÃO FOI IMEDIATA PARA TODA A POPULAÇÃO, E MANTER A DISTÂNCIA FOI UMA TAREFA COMPLICADA.

SONORA 5 – LUCIANE ALVES – (5:25-5:38) “pra gente era difícil...” até “...da população”

OFF 9 – AS PAUTAS TAMBÉM MUDARAM. A PARTIR DE MARÇO DE 2020, O TEMA COVID-19 DOMINOU A REDAÇÃO E MUITAS EQUIPES PASSARAM A ACOMPANHAR A ROTINA NOS HOSPITAIS E POSTOS DE SAÚDE. ISSO DEIXOU OS JORNALISTAS AINDA MAIS EXPOSTOS AO VÍRUS.

SONORA 6 - PAULO LEAL - (0:13-0:31) “eu fui um dos primeiros...” até “...a gente não saía quase de lá.

PASSAGEM 2 – A EMPRESA ADOTOU DIVERSAS MEDIDAS DE SEGURANÇA, COMO O USO DE DOIS MICROFONES, HIGIENIZAÇÃO DESSES DISPOSITIVOS, E O DISTANCIAMENTO DO ENTREVISTADO. MESMO ASSIM, A PANDEMIA NA TV EQUINÓCIO GANHOU CONTORNOS TRÁGICOS QUANDO O CINEGRAFISTA MÁRCIO BACELLAR FALECEU NO DIA 12 DE ABRIL DE 2020 - VÍTIMA DA COVID-19.

SONORA 7 – LUCIANE ALVES – (14:46-15:29) “a morte do Márcio...” “...ele era chato”

OFF 10 – NÚBIA HOJE É REPÓRTER DA REDE AMAZÔNICA, FILIADA DA REDE GLOBO, MAS TRABALHOU COM MÁRCIO POR DOIS ANOS NA TV EQUINÓCIO. ELA ACREDITA QUE A DEMORA NA VACINAÇÃO DE JORNALISTAS FOI UM FATOR QUE CONTRIBUIU NA MORTE PRECOCE DO AMIGO.

SONORA 8 – NÚBIA PACHECO (20:45-21:15) – “é uma pessoa que mora no meu coração” “e que até hoje eu não acredito...”

SONORA 9 - LUCIANE ALVES – (17:41-18:13) “e a gente teve que trabalhar...” até “...por conta da pandemia”

OFF 11 – DE ACORDO COM O PLANO DE VACINAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO, OS PRIMEIROS A RECEBER O IMUNIZANTE FORAM OS TRABALHADORES DA SAÚDE, SEGUIDO DE IDOSOS, PESSOAS COM COMORBIDADES, ENTRE OUTROS. NO AMAPÁ, A VACINAÇÃO INICIOU NO DIA 19 DE JANEIRO DE 2021, MAS OS JORNALISTAS SÓ FORAM INCLUÍDOS NO PLANO EM 13 DE ABRIL, DIA SEGUINTE À MORTE DE MÁRCIO BACELLAR.

PASSAGEM 3 - PORÉM, A TV EQUINÓCIO NÃO FOI A ÚNICA EMISSORA AFETADA COM A PANDEMIA. QUANDO SE FALA EM CORONAVÍRUS E TELEJORNALISMO, É INEVITÁVEL A ASSOCIAÇÃO COM A REDE GLOBO – VISTO QUE O CANAL FOI UM DOS PRINCIPAIS DEFENSORES DA IMPLEMENTAÇÃO DOS PROTOCOLOS SANITÁRIOS

NESTA SEGUNDA PARTE DA REPORTAGEM, ACOMPANHAMOS A ROTINA DE DUAS EQUIPES DA REDE AMAZÔNICA, FILIADA DA EMISSORA CARIOCA AQUI NO ESTADO.

CLÍPE GLOBO

SONORA 11 - WILK DIAS – (2:00-2:16) “o Jornalismo...” “...como um todo”

OFF 12 – E PARA CONTINUAR INFORMANDO, A REDE GLOBO IMPLEMENTOU UMA EXTENSA LISTA DE RESTRIÇÕES. ALÉM DO USO DE MÁSCARAS E HIGIENIZAÇÃO DOS MICROFONES, HOUVE TAMBÉM O DISTANCIAMENTO ATÉ NAS ENTREVISTAS DE ESTÚDIO. O CONVIDADO DEVERIA FICAR A, PELO MENOS, UM METRO E MEIO DOS JORNALISTAS – DISTÂNCIA RECOMENDADA PARA EVITAR A DISSEMINAÇÃO DO CORONAVÍRUS.

SOBE SOM - ALINE FERREIRA

OFF 13 – NO PRIMEIRO DIA, ACOMPANHAMOS O REPÓRTER WILK E O CINEGRAFISTA RONALDO BRITO. A PRIMEIRA PAUTA FOI SOBRE A VACINAÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, NO BAIRRO PERPÉTUO SOCORRO.

A EQUIPE FOI RECEBIDA PELA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA PREFEITURA, E GRAVOU UM STAND-UP PARA O JAP 1, PROGRAMA QUE VAI AO AR AO MEIO DIA.

- SOBE VIDEO –

OFF 14 – APÓS À GRAVAÇÃO, WILK FOI ABORDADO POR UM MORADOR QUE DESEJAVA FAZER UMA DENÚNCIA:

(SOBE VIDEO)

OFF 15 - ALÉM DESSE CONTATO NA EXTERNA, O PÚBLICO PODE FALAR DIRETAMENTE COM A REDAÇÃO POR MEIO DO NÚMERO DA INTERATIVIDADE. SEGUNDO WILK, ISSO, INCLUSIVE, AUMENTA A EFETIVIDADE DAS DENÚNCIAS.

SONORA 12 – WILK DIAS – 7:29-8:06 “de domingo para...” até “...no dia anterior, entendeu”

OFF 16 – O GUARDA MUNICIPAL JACKSON SENA É UM DOS QUE UTILIZAM DESSE SERVIÇO COMUNITÁRIO DA REDE AMAZÔNICA. ELE DESTACOU A PARTICIPAÇÃO POSITIVA DOS VEÍCULOS DE IMPRENSA NA REALIZAÇÃO DE UM TRABALHO NA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO:

SONORA 13 - JACKSON SENA, Guarda municipal – (1:10-1:56) “no meu caso...” “...por parte da nossa corporação”

OFF 17 – E DURANTE A PANDEMIA, ESSA PARTICIPAÇÃO POPULAR FICOU AINDA MAIS IMPORTANTE NA REALIZAÇÃO DOS TELEJORNAIS:

SONORA 14 - KARINA RODRIGUES - (4:34-4:58) “...até mesmo durante os períodos” até “desenvolver nosso trabalho...”

OFF 18 – E PARA PREMIAR ESSES TELESPECTADORES, A REDE AMAZÔNICA PROMOVEU UMA VISITA AO ESTÚDIO NO ANIVERSÁRIO DA EMISSORA.

SONORA 15 - WILK DIAS – (6:41-7:01) - “então, o que que a gente...” até “apresentadora do JAP 1”

OFF 19 – MAS ESSE SENTIMENTO PELOS JORNALISTAS DA REDE GLOBO NÃO É UNANIMIDADE ENTRE A POPULAÇÃO. DURANTE A PANDEMIA, AS EQUIPES DE EXTERNA VIVERAM ALGUMAS SITUAÇÕES DELICADAS:

(SOBE VIDEO DAS HOSTILIZAÇÕES)

SONORA 16 - LUCIANE ALVES – (9:38-10:15) “eu lembro bem...” até “emissora nacional”

SONORA 17 – KARINA RODRIGUES – (08:02-08:17) “na verdade a gente...” “...situações de conflito”

SONORA 18 – NUBIA PACHECO – (15:44-16:05) “no dia 7 de setembro...” até “...me prevenir”

OFF 20 – APESAR DISSO, WILK REVELA NÃO SE INCOMODAR COM ESSAS SITUAÇÕES:

SONORA 18 – WILK DIAS – (14:03-14:34) “eu, particularmente...” até “...não ligar para esses comentários”

OFF 21 – MUITOS DESSES ATAQUES SE DEVEM AO FATO DE A GLOBO ESTIMULAR AS MEDIDAS PROTETIVAS CONTRA O CORONAVÍRUS, CONCEITO QUE SEMPRE FOI CONFLITANTE COM AS ATITUDES DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, JAIR BOLSONARO.

(VÍDEO BOLSONARO – “aqui é proibido máscara”)

SONORA 19 – KARINA RODRIGUES – (6:54-7:06) - “por conta de questões políticas...” até “...coisas desagradáveis” / (6:34-6:47) “acredito que...” até “...ali orientando”

SONORA 20 – NÚBIA PACHECO – (7:11-7:25) – “é extremamente importante...” até “...essa conscientização”

OFF 22 – A PANDEMIA TROUXE VÁRIAS MUDANÇAS E REVOLUCIONOU A FORMA DE FAZER JORNALISMO. APROXIMOU A TELEVISÃO DO ESPECTADOR, MAS DISTANCIOU O REPÓRTER DO ENTREVISTADO. E COM OS AVANÇOS DA VACINAÇÃO E A QUEDA NO NÚMERO DE MORTES TUDO PARECE ESTAR VOLTANDO AO NORMAL, MAS NÃO COMO ERA ANTES.

SONORA 21 - KARINA – (11:11-11:32) – “durante esse período crítico...” até “...contexto da matéria”

SONORA 22 - LUCIANE – (5:39-6:03) – “...com o tempo” até “...fazíamos antigamente”

SONORA 23 - KARINA - (10:29-11:00) “eu acredito que a tecnologia...” até “tendo que usar”

SONORA 24 - WILK DIAS – (16:03-16:12) - “a gente já vê podcast...” até “tá informando ele, né” / (16:21-16:28) “a gente vê blogs...” até “...aqui no estado”

OFF 23 – A PANDEMIA AUMENTOU A INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NO TELEJORNALISMO, MAS O REPÓRTER CONTINUA COM AS MESMAS MISSÕES: ALERTAR, CONSCIENTIZAR, INFORMAR. É UM SER HUMANO, COMO TODOS AQUELES QUE PERDEM A LUTA CONTRA O VÍRUS. PORÉM, ATRAVÉS DE UMA CÂMERA, DE UM MICROFONE, DE UM TEXTO - O JORNALISTA PODE AJUDAR NESSE COMBATE.

SONORA 25 - LUCIANE ALVES (18:54-19:56) – “a pandemia é isso, né...” até “...ou faz bem feito ou é melhor nem fazer”

CENA NÃO NARRADA – NO DIA 7 DE MARÇO DE 2022, O GOVERNO DO AMAPÁ EMITIU UM DECRETO RETIRANDO A OBRIGATORIEDADE DO USO DE MÁSCARAS EM LOCAIS PÚBLICOS ABERTOS.

(SOBE VÍDEO DO PAULO TIRANDO A MÁSCARA - 12:30)

CLÍPE FINAL

D. ENTREVISTA COM WILK DIAS. REALIZADA EM 11.02.2022.

Bom dia, Wilk. Eu queria começar a te perguntando sobre a tua trajetória no jornalismo.

“Bom, Eu comecei no jornalismo por volta de 2015. 2014, 2015. E inicialmente, eu trabalhei na Rede TV. Durante esse período, fui operador de áudio lá, depois fui promovido a repórter e, nos últimos três anos, eu tava como apresentador de telejornal, antes de chegar na Rede Amazônica. Saí de lá justamente para ir pra Rede Amazônica. Basicamente, resumidamente, é essa minha trajetória na no Jornalismo”.

Como que funciona os procedimentos da rotina de vocês hoje nesse período pandêmico?

“Eu peguei o início da pandemia só que estando na Rede TV, certo? Então, assim, quando a pandemia chegou, tudo mudou. Desde 2020, a gente tem que conviver com protocolos de segurança e distanciamento social. Então, assim, desde a Rede TV o que eu mais senti como jornalista, principalmente na pandemia, foi justamente a questão do isolamento; de ter que manter estes protocolos de segurança, porque o jornalismo, ele é um trabalho considerado prioritário. Então, assim, a gente não pode parar de estar trabalhando. A gente tem que levar informação para o público, para estar informado sempre o público sobre está acontecendo na cidade, no estado, como um todo. Então, assim, a gente tinha esse contato mais direto com o público antes da pandemia, a gente não utilizava a máscara... e quando a pandemia veio, um dos protocolos que a gente teve que mudar foi justamente primeiro higienizar os microfones, utilização da máscara, ter que manter alguns protocolos de segurança para não ser infectado pelo vírus. Por exemplo, eu, até hoje, eu acredito que eu ainda não fui infectado porque a única vez que eu fiz o teste deu negativo; justamente por manter estes protocolos, entendeu? Entrevista de estúdio... na época da Tucuju, a gente manteve a entrevista de estúdio, só que com distanciamento mínimo de 1,5m para não ter aquele contato e também alguns entrevistados que preferiram utilizar máscara, utilizavam para manter essa segurança em relação à Covid. Em relação à reportagem de rua, já na Rede Amazônica, o que eu sinto lá, em relação a estes protocolos, é uma segurança muito grande. Porque assim a gente leva um spray, vocês até viram, a gente higieniza os microfones toda vez antes de dar para o entrevistado. E se algum entrevistado não estiver utilizando a máscara, a gente pede que ele utilize, senão a gente não faz a matéria. Basicamente, isso mesmo. Assim, sabe, em relação à entrevista de estúdio, na rua, foi esses protocolos que acabaram mudando”

Já houve algum caso de entrevistado que se negou a fazer entrevistas com a máscara?

“Eu, especificamente, nunca passei por isso. Porque, assim, as entrevistas, geralmente quando a gente fazia lá na época da Tucuju, a gente fazia em repartições públicas. Então, tipo, as repartições públicas, elas exigem a máscara, né? Então, eu nunca passei por essa situação, entendeu? E lá no estúdio, no ambiente controlado e tudo, aí sim. A pessoa poderia ficar sem máscara sem problema nenhum, atendendo distanciamento mínimo de um metro e meio. Então, ir à rua, estando na externa, eu nunca passei por essa situação na Rede Amazônica, também - até porque eu tô há duas semanas na rua. Mas eu nunca passei por essa situação, não”.

Como é a relação de vocês hoje com a comunidade e com esse conteúdo colaborativo que ela pode oferecer?

Lá na Rede Amazônica, a gente tem um número, que é o número da interatividade. Então, esse número ele acaba possibilitando que as pessoas possam ter esse contato direto com as principais pessoas que pensam o jornal. Por exemplo, quem controla a interatividade é o editor-chefe do jornal. Então, ele faz esse crivo de tudo que entra pelo número do WhatsApp. Então assim, essa foi uma forma de aproximar... na verdade, já tinha, né? Na Rede Amazônica, especificamente, já tinha essa plataforma, sempre existiu que é a interatividade. Para citar um exemplo, no Natal, a gente... No Natal? Não. Agora no aniversário da emissora, que eu fui agora no mês passado, a equipe pensou assim: ‘poxa, o que a gente vai fazer? Como é que a gente vai contar a história da Rede Amazônica, senão através das pessoas que fazem a Rede Amazônica acontecer? Então, o que foi que a gente fez... a gente pegou... lá, sempre têm pessoas que mandam mensagens diariamente em todos os telejornais; mandam mensagem da sua região, e são de várias regiões, vários municípios. Então, tem várias pessoas que fazem isso. Então, o que a gente fez? Pegou o contato dessas pessoas, entrou em contato com elas, convidou elas para irem na Rede Amazônica conhecer a estrutura da Rede Amazônica, o estúdio... ver como é que funciona a produção, tudinho, antes do jornal entrar no ar. Conversaram com Aline, por exemplo que é a apresentadora do JAP1. Então, é só citando um exemplo de como isso acaba aproximando. Então, a gente colocou a voz de algumas pessoas que representam esse público para mostrar que ‘olha, as pessoas têm voz’, entendeu? Elas podem mandar mensagem. Outro exemplo: agora, nessa semana, na verdade, no início dessa semana, teve, de domingo para segunda-feira, teve um problema em relação a uma bomba de água da Caesa, que praticamente toda a cidade ficou sem água, sem o fornecimento de água... e as pessoas utilizaram as redes sociais o número da interatividade para pedir alguma providência. Então, a gente exibiu durante o jornal diversas reclamações - o que acaba também, de certa forma, colocando os entes envolvidos, tipo, na parede, assim: ‘olha, o pessoal tá falando, a gente tá mostrando. Vocês não vão fazer nada?’, e

o problema foi resolvido... eu acho que no dia anterior, entendeu? Então, para ti ver como tem essa ferramenta que trabalha em contato direto, né? Por mais que seja uma plataforma, mas é um contato direto... que ali a gente tá conversando com as pessoas, entendeu?

Sobre a dinâmica entre a TV e as assessorias. Houve um momento em que as assessorias começaram a trabalhar home office. Você sentiu alguma mudança?

Olha, a principal mudança, eu diria, foi em relação a vídeos que eles acabam gravando, né? A gente, agora, recente, eu vou citar exemplos que fica melhor para compreender. O *SuperFácil* ficou, durante um período de 15 dias, funcionando de forma totalmente online, porque mais de 60% dos servidores acabaram testando positivo para Covid. E aí? Como é que a gente faz para conversar com o pessoal do *SuperFácil*? Para informar a população como buscar o benefício, senão através de plataformas digitais? E foi justamente o que a gente fez. A gente entrevistou a diretora via WhatsApp, né. A gente grava a entrevista e a gente consegue utilizar essa entrevista depois... produzir matéria, ou até participação ao vivo. Dorinaldo Malafaia participa constantemente lá para falar sobre a pandemia; assim como diversas outras autoridades, também. Então, assim, o contato com a assessoria não mudou muito, porque já era um contato mais digitalizado, entende? Tipo, ou por ligação ou por aplicativo. Então, não mudou muito nesse quesito. A pandemia não mudou muito esse quesito de assessoria e jornalismo, não.

Vocês tiveram algum tipo de problema com relação ao material? No caso de eles mandarem errado, ou vocês terem que pedir para refazer?

A gente acaba ficando limitado, eu diria que é isso. Porque, assim, quando tu tá frente a frente com o teu entrevistado, tu podes perguntar a diversas questões para ele - inclusive questões que ele não tá confortável para responder, entendeu? Então, assim, através disso não tem como. Porque a pessoa manda um vídeo... De repente, ela manda um vídeo quando não é participação ao vivo... no ao vivo, até dá para fazer. Tu fazes uma pergunta, mesmo, que coloca a pessoa... digamos, entre, acho que em saia-justa. Mas, é. Tu consegues explanar mais, tirar mais informações daquele determinado entrevistado. Quando a pessoa... quando a gente solicita vídeo, já um vídeo é mais fechado, entendeu? Então, assim, tu não tens como explorar muito outras vertentes que tu queres para tua matéria. Eu diria que a maior dificuldade foi esse mesmo, assim, de ficar meio limitado a questão dos vídeos, entende?

Sentiu alguma dificuldade no contato físico com os entrevistados por conta do distanciamento, ou isso foi tranquilo?

“Acredito que não, né? Eu acho que, para a gente que é profissional, assim, que trabalha com jornalismo, que entende o momento, é mais tranquilo. Eu acho que é mais as pessoas que acabam ficando mais assim, sabe? Porque a gente tem uma característica aqui no Amapá, que a gente gosta de ter essa proximidade, sabe? De estar ali, perto e tal. Então, tu tens que ficar um pouco mais distante... as pessoas acabam, meio que, ficando mais retraídas também. Então, cria um certo clima, assim. Mas vai desenrolando, entendeu? Tu buscas meios para desenrolar como profissional, assim. Para o profissional, para mim, não me atingiu assim forma negativa, porque eu aprendi a lidar com a situação”.

Durante a pandemia, ficou muito nítido o posicionamento da Globo como favorável às medidas de proteção, distanciamento e, mais recentemente, com a vacinação. Isso, de alguma forma, soou como uma afronta política, e acabou gerando vários episódios de hostilização de repórteres. Isso inclusive aconteceu aqui na Rede Amazônica, com o Willian Amanajás. Você já passou, ou tem algum medo de passar por essas situações durante uma cobertura?

“Principalmente depois de 2018, com a eleição do Bolsonaro, obviamente, esses ataques... eles vieram mais constantes na imprensa, né? Porque acaba... Bolsonaro e os seus seguidores, eles acabam influenciando e até mesmo, de certa forma, incentivando ataques contra a imprensa, né? O que não tem nada a ver com... A imprensa tem o papel de comunicar, de ser a voz do povo, digamos assim, nas emissoras... enfim. Então, assim, eu senti que realmente teve um ataque mais constante contra a imprensa, mas eu particularmente, não sinto medo disso, sabe? Assim, eu tento fazer o que eu posso para o meu trabalho... fique um trabalho bom, que as pessoas consigam consumir, consigam entender o que eu quero passar. Mas, no meu caso não senti assim esse medo e tudo mais. Mas eu noto que realmente teve esse ataque, que cresceu nos últimos anos tem esse ataque contra imprensa. Não só do Amapá, né? Na imprensa brasileira como um todo”.

Quais as suas expectativas para com o telejornalismo depois da pandemia?

“Olha, eu acho que tudo depende da política, os rumos que a política tomar. Se for esse que já tá, eu acredito que a imprensa vai continuar sofrendo, mas vai continuar buscando meios para fazer o seu trabalho. Mas eu sou otimista em relação a isso. Eu acredito que o jornalista... ele tem esse papel fundamental e, independente de governos, independente de políticas extremistas ou não, ele tem que fazer o papel dele. Mas, eu acredito que aqui no Amapá, especificamente, o jornalismo... ele tende a crescer tende a ter uma voz cada vez mais forte. Principalmente aqui,

porque a gente tem... como eu falei a gente tem essa proximidade com a população e não é um estado muito grande, né? É um estado de com menos de 1 milhão de habitantes. Então, assim, aqui no Amapá, o jornalismo de fato ele tende a crescer cada vez mais. E a gente já vê podcast por exemplo, que a outra plataforma, né? Um outro meio de atrair esse público também e, de certa forma, está informando. Ele, é uma parada mais de entretenimento, mas tem um papel também. Então, assim, é isso. Basicamente, o que eu penso é isso, sabe? A gente vê blogs, a gente vê podcasts, a gente vê programas de rádio cada vez mais latentes aqui no Estado. Então, falando sobre o Estado, eu acredito que sim - o jornalismo tem um futuro muito bom pela frente, sabe? Muito bom mesmo”.

E. ENTREVISTA COM LUCIANE ALVES. REALIZADA EM 16.02.2022.

Qual foi a sua trajetória no jornalismo e na Record?

“Eu me formei na primeira turma de jornalismo da faculdade. Antes era Seama. E foi o bem difícil nosso início, porque era um curso novo no estado do Amapá, né? E nós não tínhamos nem mesmo laboratório. Então, quando nós formamos, a gente foi tipo aprendendo diretamente com a prática. Tanto é que a gente foi adequando (quando eu falo a gente eu falo de mim, né?) a gente foi se adequando ao que era repassado para a gente, mesmo em campo. Então, o nosso laboratório foi já atuando com o jornalismo. Nesse tempo, passei por diversas empresas e estou aqui na TV Equinócio há quatro anos, já, compondo esse quadro da comunicação aqui nas reportagens, apresentação... e por aí afora. Nas outras empresas, também atuei nos mais diversos campos, né? Na assessoria de comunicação também, fui estagiária muitas vezes... atuei como diretora de jornalismo em uma outra empresa, no rádio também. Fazia programa de rádio - fiz durante cinco anos programa de rádio, e agora que a gente tá aqui nessa casa, contribuindo com a comunicação”.

Como foram os procedimentos na externa durante a pandemia?

“Logo que surgiu aqui a pandemia, o primeiro momento foi desesperador. Nós não conhecíamos e não sabíamos como é que nós iríamos atuar. Logo que chegamos aqui, nós tivemos a primeira reunião para informar que nós não pararíamos e nem teria como a imprensa local parar... E a gente se deparou então com o cenário muito novo, né? Primeiro os protocolos repassados pela Organização Mundial da Saúde, de que teríamos que utilizar a máscara, de que teríamos também que utilizar o álcool gel. E manter todos esses cuidados, para a gente, foi bem difícil, por conta que nós sempre trabalhamos com a nossa imagem, né? Então, se adequar foi

bem difícil. Mas, todos nós carregamos a certeza de que isso era para manter nossa saúde, manter a saúde também dos nossos entrevistados. Tivemos aquele impacto de não poder entrevistar ninguém presencialmente, que foi quando nós passamos a utilizar também o aparelho celular. Quer dizer, você trabalhava em cima de um material que era encaminhado para você - você construiu o material novo em cima daquela sonora que vinha de um simples aparelho telefônico. Então, foram essas adequações que nós tivemos que, na verdade, trabalhar para não perder esse foco que é de manter a população bem-informada. Mas, assim, foram assim uns dois meses assim bem difíceis, né? Porque até nós conhecermos, a gente teve que estudar também, até para levar um pouco para o nosso entrevistado essa segurança e repassar para ele que nós tínhamos todos os cuidados aqui. A empresa toda no caso se mobilizou, né? Oferecendo os produtos necessários: o álcool em gel, o spray para a gente manter até o mesmo nosso microfone também 100% livre de vírus, de bactérias... E para levar essa informação para a população, para poder chegar até na casa de um grande público, né?”.

Como uma repórter bem próxima ao povo, qual foi o primeiro impacto dessas mudanças para você? Como está agora?

“É, a gente é bem conhecido exatamente por isso, né? Pelo apelo popular, digamos assim; por sentir um pouco o que aquela população passa, né? Desde o início, na minha profissão, eu sempre carreguei comigo essa certeza de que para você informar, não custa nada você sentir um pouco do que aquele entrevistado sente diariamente. São poucos segundos, poucos minutos, né? Então, para mim foi difícil. Mesmo porque, quando a gente chega, a gente já era acostumada abraçar o povo e tirar foto com o povo... então, tudo isso a gente ficou sem, né? E para você mostrar uma matéria de rua sem estar lá no lugar, falar de uma coisa que você não conhece, é bem difícil... foram dias, meses bem difíceis. Até que seguimos aquele protocolo: ‘olha, você já pode entrevistar, mas mantendo, né, esse cuidado todo especial, mantendo distanciamento social’. Pra gente era difícil, até mesmo manter a população um pouco afastada. Porque a gente tinha que ter... nós começamos atuar com 2 microfones e antes era só um microfone tu estava muito perto da população. Então, a gente sentiu esse impacto. Com o tempo, com as vacinações, tudo direitinho, a gente começou a se aproximar mais, né? E, hoje, a gente já pode dizer que, ainda com a segurança, utilizando máscara, desinfetando o microfone, mas a gente já tá com pouco mais perto da população. A gente tá voltando, né, a fazer o nosso trabalho como nós fazíamos antigamente. Antigamente, não tão longe, né? Aproximadamente, assim, uns três anos atrás da maneira que a gente se trabalhava. Então, tá voltando e depende da gente, né? Que a gente retorne a fazer essa utilização da máscara desde que tudo esteja já ok, pra gente não

colocar nossa vida em risco e também a vida, é claro, do nosso entrevistado, né? Que é quem nos recebe”.

Com relação a esse contato com a comunidade, tem algum fato com algum entrevistado que te marcou durante a pandemia?

“Olha, nesse período de pandemia, o que sempre marca a gente é o apelo, quando é feito. Apesar de muita gente, ainda, saber que pode colocar a vida em risco, recebendo uma equipe de reportagem... porque a gente roda praticamente a cidade toda, mas ela está ali confiando no teu trabalho. Então, é isso que enche o coração da gente de gratidão - no momento que você chega, você é bem recebido, e quando aquele teu entrevistado olha para ti diz: ‘olha, a gente confia em vocês. A gente sabe que vocês vão ser o elo entre a autoridade competente e a gente. Então vocês vão ser a nossa voz, né? E vão mostrar a realidade’. Eu acho que tudo que é mostrado, tudo o que é falado pelo entrevistado, relacionando a melhoria na qualidade de vida dele, é uma e acabar confortando a gente, e mostrando porque que nós escolhemos essa profissão. Porque hoje é muito fácil você falar sem você sentir. É muito fácil você julgar uma pessoa que vai, que coloca, que expõe o seu rosto, né, em uma emissora; que coloca a sua voz para aclamar, para pedir..., Mas eu acredito que seja até desesperador. E eles olham assim a imprensa, em especial aqui a TV Equinócio, como a única alternativa, o último recurso para que eles tenham alimento na mesa, para que eles tenham uma via onde eles possam trafegar sem colocar a vida em risco... e por aí vai.

Durante a pandemia, cresceu o número de ataques a jornalistas por diversas razões. Você sente medo ou algum receio de ser vítima disso durante uma cobertura?

Olha, durante esse momento de pandemia a gente acompanhou... até nós emissoras... podemos dizer assim, as emissoras de grande porte, né? As de fora. A gente começou a acompanhar assim muitas equipes, né, sofrendo esse tipo de agressão. Aí não é só tu ir lá, tu bater e quebrar a câmera de um cinegrafista, puxar o microfone de mão de um repórter... é você também falar. Então, a gente começou a ter um certo receio: ‘será que a gente vai passar por isso? Será que a gente vai sofrer isso?’ E eu lembro bem, que um dia a gente foi fazer uma transmissão ao vivo em frente à Assembleia Legislativa. E o que aconteceu lá? Tinha uma outra equipe, de outra emissora, e um cidadão passou por diversas vezes chamando palavrões, só que era para outra equipe, e chegou próximo a gente: ‘olha, vocês estão de parabéns’. Mas eu falei: ‘mas não faça isso. Ele é um trabalhador como eu’. Podia ficar calada, mas eu me coloco também no lugar do meu colega que estava ali, né, levando pedrada direto... ouvindo palavrão, sem ele ter feito

absolutamente nada. Simplesmente porque ele carregava a imagem de uma emissora nacional. Então, isso é bem difícil. A gente teve um certo receio em relação a isso aí, esse preconceito, sabe? Que muita gente às vezes que nem vê você com microfone. Só o fato de ver você com a câmera, já acha que você vai tá denegrindo a imagem de alguém. Você tem que ter muito tempo na verdade, o seu pé no chão, né? Sem desrespeitar. Tentar colocar a sua situação: ‘olha, eu estou aqui fazendo a matéria’ e tal... ‘estamos destacando isso’. A gente trabalha muito dessa forma, conversando com as pessoas, sabe? Em nenhum momento a gente se expressa. Enquanto você achar que você vai poder estar mudando a perspectiva daquela pessoa, você tá fazendo”.

De alguma forma, a pandemia modificou o teu olhar quanto à cobertura das pautas?

“Olha...essa questão da pandemia... Eu posso dizer que ela modificou muito, devido você hoje estar aqui e amanhã você pode não estar. De que maneira que eu tô contribuindo com a minha cidade, com meu estado, com a pessoa que tá do meu lado? Qual é o meu papel enquanto jornalista comunicadora, né? Então, eu acho que a gente tem que fazer por amor. Se doar. Deixar os problemas do lado de fora da empresa e quando estiver aqui, vir com a cabeça de que você vai poder mudar até mesmo a vida de uma pessoa. Quantas pessoas chegam e querem apenas uma consulta médica porque precisam da saúde? Quantas pessoas chegam: ‘poxa, eu preciso de uma cesta básica... olha, a minha rua tá assim’... E é gratificante quando eles te retornam essa mensagem. A gente faz um quadro, uma matéria bem popular que são com os trabalhadores. Pessoas, assim, com os empreendedores que não tem como divulgar. Então, uma vez na semana, na sexta-feira, a gente mostra aquele microempreendedor que nunca teve um comercial na vida. Então, a gente traz para a emissora e, logo após a matéria, as mensagens começam a chegar: ‘olha muito obrigada, consegui vender tudo que eu tinha... o que eu tinha aqui, as peças do meu brechó, o frango que eu preparei, todo mundo veio aqui e comprou. Muito obrigada! Você me ajudou, e me ajudou a realizar o sonho de conhecer o meu neto’. Teve uma telespectadora, que se tornou entrevistada nossa, que ela pode viajar para Manaus para realizar o sonho que era conhecer os netos. Então, é isso aí que é importante - o que que eu tô fazendo? De que maneira tô contribuindo? Eu não tenho aqueles 10 reais para contribuir, mas através do meu trabalho eu posso mudar a vida de uma pessoa. Então, eu acho que eu me tornei mais humana. Eu sempre tive esse cunho, assim, social, mas eu me tornei mais humana em saber que hoje eu tô aqui, amanhã eu posso não estar. A gente perdeu um amigo aqui, é um amigo que sempre teve o maior cuidado com a questão da saúde. E foi ele que foi o escolhido para perder a batalha contra a Covid. Então, é o que que eu lembro dele? Dele ir para rua? De que maneira que vão lembrar de mim no dia que eu não tiver mais aqui? ‘Ah, aquela repórter’, ‘aquela

repórter doida, aquela uma que brincava com todo mundo’, ‘aquela uma que pisava na lama’... Não é pisar na lama por pisar. É pisar para mostrar que todos nós podemos um dia estar ali, como aquele entrevistado. Então, eu tenho certeza de que essa pandemia veio para mim para que eu me torne... E hoje, eu posso dizer para vocês que eu melhorei muito essa questão de sentir na pele, de ser mais humana e de fato entender o meu papel aqui enquanto comunicadora.

Como a morte do Márcio Bacellar afetou vocês aqui na emissora?

A morte do Márcio Bacellar, ela pegou todo mundo. Impactou todo mundo. Todos os dias, não tem um dia que eu não lembro do Márcio. Ontem foi um dia que eu saí daqui, vi um carro igual ao dele e eu falei: ‘caramba! o Márcio’. Porque ninguém acreditava que, justo a pessoa mais enjoada da emissora em relação aos cuidados... O Márcio não ficava em um lugar onde tinham duas pessoas, três. Ele se resguardava. Ele ficava num cantinho. 24 horas Márcio passando álcool em gel nas mãos, tomando aqueles remédios caseiros para que você não contraísse a gripe ou algum outro tipo de enfermidade. O Márcio sempre se manteve com um cuidado, assim... extremo. A gente até dizia que ele era chato. E quando a gente pegou, uns três dias antes do Marcos internar, ele já estava com aquela gripezinha..., mas ele estava vindo. Uma gripe normal. Aí ele se sentou, como se fosse aqui onde tá câmera e eu fiquei aqui. E tinha uma cesta básica que nós ganhamos para uma de nossas entrevistadas. Aí eu só o tinha de repórter, né, para dirigir. Aí eu falei: ‘Márcio, tu vais comigo?’. Ele falou: ‘vou contigo. Só que eu não vou descer, porque tu sabes... eu tenho medo desse negócio, essa pandemia’. Eu falei ‘tá’. Aí ele ainda pegou e me deu um pedaço de limão. Ele falou: ‘tá se sentindo ruim?’. Eu falei: ‘não, só na garganta’. Ele falou: ‘chupa limão, que é bom’. E eu fui com Márcio. Cheguei, peguei a cesta básica, entreguei, e nós voltamos. E com três dias, a gente teve a notícia de que Márcio se internou. E a gente ficou naquele momento de prece, mas não acreditando que o Márcio não iria vencer a Covid, né? Mesmo porque ele estava super bem. A gente falava com Márcio pelo WhatsApp, ele mandava áudio... e quando foi uma certa madrugada, 4h30/5h da manhã, que eu acordei (eu pego o trabalho de 6h/6h30, então eu acordo 5 horas todos os dias), aí eu peguei o telefone e tinha exatamente uma mensagem da Marcela, da filha dele, dizendo que infelizmente ele tinha falecido. Então isso para mim foi um choque. Aí eu me desesperei, porque assim como os outros colegas, Márcio também fez parte da minha equipe, foi meu cinegrafista. Ele era extremamente chato, caxias, e o Márcio era daquele jornalista antigo, daquele cinegrafista antigo. Então, muitas coisas novas hoje que a gente utiliza, para ele era bem difícil fazer, porque ele tinha aprendido lá muito tempo atrás que a maneira correta era uma outra, entendeu? Então, a gente tinha essa certa divergência: ‘não, vai ser assim’. Falou ‘vamos fazer

os dois jeitos, vamos fazer o seu, vamos fazer o meu, e lá a gente decide qual é que a gente vai utilizar'. E assim a gente fazia. Só que, saindo das externas, Márcio era parceiro. Sempre foi. Parceirão desses: 'aqui, precisando de tal coisa, vou lá vou resolver, então'. Ele era dessa maneira. E a gente teve que trabalhar no dia que ele faleceu. E foi o pior momento, que você foi cobrir as suas faltas e as lágrimas desciam, porque não tem como. Era um parceiro, um colega. Era um profissional que tinha perdido, podia ser você também, né? Um profissional que tinha perdido essa batalha. Então, você foi trabalhar com receio também de contrair a Covid, e sabendo que o teu colega estava sendo preparado para ser enterrado. Por que a gente não poderia nem se despedir do nosso amigo, por conta da pandemia - outro baque que a gente teve com essa doença, né? E chorei as pautas todas e, quando eu retornei, teve a homenagem, que foi quando a gente parou e viu que era verdade, apesar de não ter esse momento de despedida. Mas quando o carro parou aqui à frente, carro da funerária com ele, ouve aquela comoção... porque, gente, como assim? Aquela pessoa que mais tinha cuidado com a saúde perdeu essa batalha tão rápido. Dentro de uma semana, Márcio faleceu. Hoje, assim, a gente não viu. A gente fala: 'meu Deus! Como é que pode'. Até hoje a gente não tem essa resposta. A pandemia é isso, né? Ela é invisível, é uma batalha que você trava e muitas vezes você perde, sem ao menos entender porque você tá passando por tudo isso. Então, para nós que ficamos aqui, eu acho que, a cada dia que passa, a gente tem que valorizar a profissão e o dom que Deus deu para gente. Não é simplesmente ser jornalista por ser, porque o público... ele sente. O público sabe quando é verdadeiro e quando não é - quando você tá ali somente o para vender um produto, e quando você tá ali para contribuir com aquele cidadão que te confiou uma palavra e a imagem dele, muitas vezes até abrindo situações que nunca tinha contado para outra pessoa... até da própria família. Então, hoje essa pandemia para a gente, para mim enquanto comunicadora, ela fez isso comigo. Ela mexeu ainda mais. Dizer: 'não. Apesar de tudo, a gente tá aqui. Tem que fazer'. Ou faz bem-feito, ou é melhor nem fazer".

F. ENTREVISTA COM PAULO LEAL. REALIZADA EM 17.02.2022

Como foi tua rotina no pico da pandemia?

"Foi difícil, porque eu fui um dos primeiros a pegar, né? Eu e a repórter que, no tempo, era a Elidiane. A gente pegou no mesmo local, que a gente imagina que foi lá na SVS, porque o movimento era *muito* e a gente não saía quase de lá. O povo, na fiscalização na rua, retornava para lá e a gente ia gravar com eles... Foi nesse período aí. Foi. Que a gente se contaminou – eu e a minha repórter que, no tempo, era a Elidiane Amaral. Aí daí, a gente ficou... a empresa

dispensou a gente. A gente ficou em casa no período. Isolado, no caso, era isolamento mesmo, total. Eu tive que ficar isolado da minha família... fiquei na parte da frente da casa, e a família ficou atrás, né? A gente se comunicava, mas, distante no caso. Foi isso

Por se tratar de uma doença nova e desconhecida, ficou com medo?

“Muito medo. Porque eu peguei ela no momento mais crítico, que a população... todo mundo tava com medo mesmo. Pra mim, pareceu que ia acabar mesmo a população. Todo mundo desesperado: “não, ela chegou mesmo para matar, para matar”. Foi um desespero total. Aí, por exemplo, eu peguei dia 28 de abril – o primeiro sintoma eu comecei. Aí nisso, eu soube que um irmão meu tinha pegado no interior, interior de Breves. Aí eu tava isolado, e quando foi dia 5 de maio, meu irmão faleceu... e eu tava isolado. Aí veio tudo isso, aí que o desespero bateu mesmo. Foi isso.”

G. ENTREVISTA COM KARINA RODRIGUES. REALIZADA EM 21.02.2022.

A primeira pergunta que eu quero te fazer é sobre a sua trajetória no jornalismo. Como tem sido?

“É, na verdade eu tive uma experiência muito boa assim no jornalismo. Já trabalhei com site, já trabalhei na rádio, também *tô* tendo essa experiência na TV é minha única experiência em TV aqui na Rede Amazônica e eu também vim do impresso passei muito tempo não impresso. Eu estudei na Universidade Federal do Amapá, sou da primeira turma concluí já meu curso e ao longo desse período ainda quando eu *tava* na universidade eu comecei a ter minha primeira, minhas primeiras diferenças com o jornalismo, com o mercado de trabalho. Então eu entrei como estagiária tive experiência ali fechando as pautas, depois fui contratada como repórter e a partir daí além dessa boa experiência na reportagem na externa também tive algumas oportunidades na apresentação: do Globo Esporte, do JAP2 e também do Amapá Rural.”

Em que período você iniciou sua carreira como repórter?

“Na verdade, durante toda a minha trajetória praticamente eu fui repórter. Eu tive uma experiência ali outra aqui com assessoria de imprensa. Mas na verdade, eu sempre fui no jornal impresso no site eu sempre fui repórter mesmo assim como eu sou aqui na Rede Amazônica.”

Quais os procedimentos que você realiza antes de sair para a externa? Houve alterações com a Pandemia?

“Tiveram mais por conta de que a gente usa equipamentos que são de uso comum das equipes e a gente passou higienizar eles com uma maior frequência. Mas assim, quando a gente chega aqui a nossa preocupação já é pegar os materiais que vão dar suporte para a gente na externa. Então, o cartão, o celular que a gente usa daqui para manter essa comunicação para fazer os vivos. Então a gente chega e acaba a gente mulher né?! Acaba indo no camarim retocar a maquiagem se ajustar para encarar a externa, mas de modo geral todas as equipes que chegam acabam pegando equipamento higienizando a gente acaba higienizando tanto antes de levar para externa quanto durante e também depois para manter esse cuidado mesmo por conta da contaminação”

No local da cobertura vocês costumam ter um contato inicial com a população, assessores e entrevistados. A pandemia mudou de alguma forma esse contato?

“Mudou um pouco porque a gente sempre foi acostumado a ter esse contato forte com as pessoas né?! A gente sempre chegava nas pautas as pessoas receberam a gente pegando na mão, às vezes dando um abraço e a gente passou até um certo distanciamento. Até mesmo durante os períodos mais críticos a gente não conseguia nem ter esse contato de estar nas ruas, a gente contou muito com a colaboração da população para que a gente conseguisse construir o nosso material as pessoas registrando na rua o entrevistado mandando já um vídeo falando sobre o assunto para que a gente pudesse de fato desenvolver nosso trabalho.”

Quão importante foi essa participação da comunidade, na época mais crítica da pandemia, para o trabalho de vocês como jornalistas?

“Sem sombra de dúvidas foi muito importante porque as medidas restritivas valiam um para todo mundo a gente apesar de ter alguns momentos de exceção de estar em alguns locais a gente acabava tendo que contar muito com a colaboração da população para apurar certas coisas que a gente não conseguiria estar presente. Como a gente viu muito a situação de pessoas desabafando pedindo leitos né?! Pedindo suporte para conseguir atendimento então a gente não conseguia entrar. Até hoje a gente não entra nos hospitais por conta desse risco de contaminação esse cuidado com a saúde que a empresa tem. Então a gente não entra nos locais mas a gente conseguia retratar a muito a realidade do que estava acontecendo na pandemia por conta dessa ajuda.”

Durante a Pandemia ficou nítido o posicionamento da Globo quanto as medidas protetivas ao Covid-19 e muitos radicais tomaram isso como uma afronta política. Isso de alguma forma afetou seu trabalho?

“Eu acredito que a gente está fazendo nosso papel, desde o início da pandemia, que é informar se tem vacina a gente orientar a população se tem que seguir medidas restritivas a gente está lhe orientando. E aconteceu algumas vezes de ter esse tipo de situação na externa. Então assim, por conta de questões políticas que não é o que a gente tá para retratar nossos telejornais muitas pessoas acabavam ofendendo na externa, falando algumas coisas desagradáveis. Mas assim, eu sempre procurei fazer meu trabalho não ficar pensando muito nisso só fazer mesmo o meu papel e não ligar para estes comentários.”

De que maneira a emissora lida com essas questões, principalmente após o caso de um colega ser hostilizado e ter os equipamentos quebrados durante uma cobertura?

“Na verdade, a gente recebeu orientação para a gente não revidar, para a gente não ficar perto dessas pessoas se a gente sentisse que o ambiente não *estava* propício para gente fazer nossa reportagem, para a gente se retirar e de fato evitar situações de conflito.

Você já se sentiu intimidada de alguma forma principalmente após essa explosão de casos de hostilização a jornalistas no Brasil?

“Na verdade, eu nunca fiquei muito apreensiva com relação a isso, mas sempre que acontecia alguma situação a gente já de imediato relatava para a chefia. A chefia já falava: Ó, sai daí não precisa permanecer! Então, sempre houve essa conversa para que a gente resolvesse da melhor forma. Infelizmente aconteceu essa situação com o William, mas graças a Deus não voltou a se repetir.”

A relação de vocês com as assessorias mudou de alguma forma? O papel delas ganhou algum destaque?

“Eu acredito que é essencial esse contato com assessoria, tanto para dar o suporte para a gente durante a reportagem, que está sendo apurada, quanto esse contato produção e assessoria para que a pauta de fato seja marcada. Mas assim, a assessoria ganhou um papel ainda mais importante porque hoje em dia a gente tem até uma relação com o Governo de que o Governo não precisa tá ali com o governador dando uma entrevista coletiva e toda a imprensa presente. Hoje em dia, a assessoria do Governo manda o vídeo com a entrevista do governador uma forma de prevenir a contaminação tanto dos funcionários dele, quanto a nossa. Então assim, essa parte

colaborativa auxilia ainda mais a gente até mesmo não só falando da questão da entrevista gravada, mas também das nossas entrevistas ao vivo a gente consegue através do Skype e pelo WhatsApp fazer muitas entrevistas né?! Fazer com que nossos entrevistados estejam presentes no telejornal mesmo que à distância.”

Quais mudanças que surgiram com a pandemia poderão permanecer no telejornalismo?

“Eu acredito que a tecnologia, ela traz novidades para gente né?! E a pandemia acabou acelerando um pouco mais esse processo. Como eu falei da questão do WhatsApp do Skype que a gente consegue conversar com as pessoas fazê-las estarem presentes dentro do nosso material, da nossa matéria mesmo que à distância. Então, a pandemia acelerou esse processo que a gente já pensava em usar e a gente acabou tendo que usar. Então, durante o período mais crítico até a gente usava muito vídeo, fotos, tudo que os entrevistados passavam para gente era assim muito precioso. E durante esse período crítico, também, a gente começou, além de usar a tecnologia a nosso favor, a gente passou a ter que usar mais a criatividade para fazer passagem de vídeo muitas vezes sem sair aqui da emissora, então transformando os cenários que a gente tinha para que eles tivessem relação com o contexto da matéria”

A Rede Globo mantém um padrão audiovisual de matérias. O uso de materiais enviados por fontes e população trouxe algum tipo de desconstrução desse padrão de qualidade de imagem e áudio?

“É porque assim, às vezes até eu converso com meus entrevistados quando eu vou fazer alguma entrevista por Skype a gente tenta dar uma orientação: Faça o celular, coloca o celular na horizontal, faça a imagem assim na horizontal que vai ficar melhor, enquadre melhor, arraste um pouquinho para o lado o celular e a gente tenta passar alguma orientação para que o material fique um pouco melhor. Porque realmente, para a gente que tá aqui o fazendo todo dia, usar essas novas ferramentas às vezes a gente acaba errando imagine para quem tá tendo esse primeiro contato produzindo conteúdo para um telejornal e é uma grande responsabilidade. Mas assim, acabou mudando um pouco isso, as vezes quando o entrevistado manda ele não manda na horizontal, manda na vertical, mas a gente coloca ali uma *tarjzinha* por trás já no contexto do jornal que é para melhorar. Então, a gente sempre tenta usar o material que passam porque a gente sabe que às vezes o entrevistado ele se esforça, ele faz o melhor, mas nem sempre se enquadra nesse padrão de jornalismo né?! O padrão que a gente faz. Por isso que se a gente puder ir fazer um material a gente sempre quer fazer o material. Mas quando não tem saída,

quando é uma questão de tá em outro município, tá distante ou nos cenários mais críticos da pandemia esse tipo de ajuda é sempre muito bem-vinda.”

Esse processo pandêmico mudou sua visão para com a cobertura das pautas de alguma forma?

“A gente acabou mudando muito revendo muita coisa. Não só como profissional, mas como ser humano acho que a gente passa a tentar escutar mais o outro, tentar entender esse botar mais um lugar do outro, mas também é aprendendo a cada dia uma coisa nova, usar um equipamento novo que a gente já faz hoje em dia reportagem usando o celular vivo com o celular fazendo chamadas de vídeo. Então tudo isso a gente passou a ter que dominar de uma forma muito rápida. Então a pandemia provocou mudanças sim não só nessa questão de equipamentos, mas também até mesmo da gente usar mais a nossa criatividade tentar fazer o conteúdo de uma forma diferente para ser mais atrativa”

H. ENTREVISTA COM NÚBIA PACHECO. REALIZADA EM 02.03.2022.

Qual a sua trajetória no jornalismo?

“Olha só! Eu comecei jornalismo no próprio curso né?! Comecei a cursar jornalismo em 2015, me apaixonei pela área. Já gostava desde pequena e consegui realizar esse sonho de passar na Federal para estudar jornalismo. Lá dentro da UNIFAP e eu comecei na Rádio Universitária apresentava o programa Rádio Pop que era um programa da própria Rádio Universitária. E ali eu comecei a conhecer um pouco desse mundo da Rádio, me apaixonei, mas queria expandir aí os meus conhecimentos no geral sobre Jornalismo e resolvi procurar televisão. É, o primeiro espaço em que eu tive uma notícia de que tinha algo que eu poderia fazer foi na TV Equinócio que é afiliada da Record aqui no Amapá. Lá tinha um estágio que estava sendo ofertado e eu poderia estar preenchendo essa vaga quando eu soube eu fui logo, bati logo lá na porta, pedi, levei meu currículo pedi essa chance para ter esse primeiro contato com a tv e aí eu fiz me chamaram no dia seguinte eu fui fazer um teste eles gostaram do teste, e no outro dia já me chamaram para começar a trabalhar. Isso aconteceu ali em meados de fevereiro de 2019, comecei a estagiar lá na TV Equinócio depois de oito meses de estágio ele gostaram do meu trabalho continuei por mais um ano, mais ou menos. Então, eu fiquei quase dois anos lá trabalhando na produção, mas no decorrer do tempo nesse trabalho da produção eu comecei a também sair para as ruas né para fazer reportagem comecei então lá essa trajetória como repórter

também não era uma repórter remunerada, não era o meu trabalho de fato, mas eu já saía e comecei a ter esse contato. As primeiras matérias que eu fiz foram para os problemas da casa lá da TV Equinócio. Quando eu saí de lá, e inclusive durante a pandemia né?! Em 2020, foi um momento muito difícil para todo mundo. E a casa teve que demitir várias pessoas, eu fui uma dessas pessoas, acabei saindo lá da TV Equinócio. Imagina, um dia depois eu já estava empregada. Eu consegui uma vaga para assessoria. Era de novo eu me aventurando mais uma vez conhecendo uma área pela primeira vez, que era assessoria. Fui para a assessoria da Fecomércio fiquei na assessoria da Fecomércio por cerca de 7 8 meses que foi quando surgiu um novo convite que foi o convite para vir para o G1 para o portal G1 Amapá. Não pensei duas vezes também, falei vou me aventurar mais uma vez, vou conhecer novamente mais uma área do jornalismo. Porque também a área de redação me interessava bastante, agradei a oportunidade que tive na Fecomércio mas não pensei duas vezes e vim me aventurar mais uma vez. Dessa vez, na área de redação, redação para web. Webjornalismo que era algo que tinha muita vontade de fazer. Fiz isso aí por nove meses. Fiquei no G1 de fevereiro até o final de outubro do ano passado, nove meses de muita experiência. Eu aproveitei muito bem foram final meses menos um ano, mas eu aproveitei muito atende muita coisa quando eu vim aqui eu já ficava sozinha no G1 tinham dias que eu conseguia ficar sozinha que eu conseguia fazer tantas matérias quanto a edição. Mexer na home do G1, nunca me imaginei sendo a pessoa que iria definir o que está na primeira namanchete do G1, que ia tá na home do G1. E eu me vi fazendo isso aí eu falei: Nossa, aprendi! E a confiança que os editores a Fabi e o Jhon estão me dando nesse momento me mostra que eu tô conseguindo fazer meu trabalho que eu realmente estou conseguindo fazer isso. E aí logo em seguida surgiu o teste para apresentar o G1 em um minuto. Um teste que ficou só no teste porque quando viram teste me chamaram para compor a equipe da televisão. Foi difícil para mim naquele momento porque eu achava que ainda tinha muito ainda caminho pela frente no G1, mas aí aceitei o desafio fui para a equipe da TV onde estou agora. Comecei em outubro, em novembro na verdade em 2021 na TV. Estou até agora presente momento tá sendo mais uma descoberta novamente para mim porque eu percebi que o que eu pensava que eu sabia por que eu já tinha feito algumas matérias eu tô indo muito além disso agora porque eu tenho uma responsabilidade muito grande que eu nunca tinha vivido e que eu nunca tinha me imaginado viver, que era trabalhar ao vivo aparecer ao vivo todos os dias nas casas das pessoas. Então essa grande responsabilidade porque é ao vivo uma palavra que sai ela não volta mais. É, eu estou fazendo o que os meus colegas me disseram, que eu deveria aproveitar esse momento curtir esse processo. Porque o início ele não iria ser perfeito, mas aos poucos eu ia aprendendo, ajustando e depois eu ia olhar para trás e dizer: Nossa, olha o caminho

que eu trilhei! Então, eu tive esse apoio muito grande dos meus colegas daqui da casa, que já são repórteres há bastante tempo, que tem me inspirado. Vou citar o William e a Karina que tem dado muito esse apoio e que me mostraram que tudo bem eu ficar nervosa tudo bem eu achar eu senti uma segurança no início, mas que o meu caminho que eu fosse trilhar ia fazer com que eu olhasse para trás e disse que tudo isso valeu a pena. Então essa é a minha trajetória tô ali na área há pelo menos quatro cinco anos é pouco tempo, mas eu já aprendi e Vivi muita coisa.”

**Eu vou lhe perguntar agora diretamente sobre pandemia. Vocês costumam cobrir aqui...
Você no caso né?! Abordar sobre vacinação e pandemia?**

“Aqui na Rede Amazônica como um todo esse é um assunto muito importante ele vem sendo debatido diariamente desde o início da pandemia. Essa sempre foi a prioridade desde o início da pandemia. Se assistir jornais a gente vai tá falando de manhã, de tarde e de noite sobre vacinação, sobre prevenção sobre onde buscar ajuda, cuidados tudo relacionado a prevenção e o combate à pandemia de Covid-19. Algumas pessoas dizem: Nossa, mas todo dia falando sobre isso! E é sempre o que eu digo a gente tem que falar todo dia sobre isso porque o assunto é extremamente importante um caso de saúde pública então quanto mais a gente fala a gente bate nesse assunto, mais as pessoas se conscientizam porque a gente sabe que a gente tem também esse compromisso de levar para quem tá em casa, essa conscientização. Então, eu tenho bastante contato com esse assunto. E eu reitero que eu acho que é muito importante falar sobre isso.”

**Quais as diferenças que você notou entre o período mais crítico e o menos crítico da
Pandemia?**

“Quando a pandemia iniciou eu estava na TV Equinócio, foi bem no início mesmo foi todo aquele impacto a gente teve que ir para casa, a gente não podia sair a gente trabalhava em casa era tudo Home Office a gente produzia tudo de casa conversava pelas redes sociais para alinhar, para tentar alinhar com todas as equipes que falam na rua. Então foi muito difícil, foi difícil inclusive porque todo mundo estava com medo de perder os seus empregos a gente sabia que isso ia acontecer que pessoas precisavam sair porque não estava entrando todo aquele dinheiro mas não tinha não tinha muita gente investindo para de repente um comerciais ou em outras áreas dentro então a gente sabia que ia ter essa redução a gente tinha consciência disso, o medo fazia com que a gente tentasse trabalhar muito mais se doar muito mais estando em casa porque

na nossa cabeça estando em casa parecer que a gente não estava ali. Então, isso preocupava por exemplo a gente sabia que tinha pessoas que continuaram indo. E a gente se perguntava: Nossa, se existem colegas estão indo para base mesmo nesse período difícil, e eu não talvez eu não seja tão importante assim e isso ficou muito na nossa cabeça. Principalmente dos produtores porque eles não precisavam ir para rua de fato. Então, eles ficaram em casa e o medo era real principalmente para a produção tanto que foi o que aconteceu a empresa precisou demitir pessoas, eu inclusive fui uma dessas pessoas, e foi nesse momento mais difícil então medo era não conseguir trabalhar nesse momento e eu só que como eu disse um dia depois eu já estava com em outro emprego. Foi um desafio muito grande durante a pandemia porque eu fui ser assessora da Fecomércio. E a Fecomércio era afetada diretamente pela pandemia porque era para você falar sobre os empresários de comércio de uma federação que estava ali tentando lutar para deixar os locais abertos, mas ao mesmo tempo tentando lutar para fazer com que as pessoas não se contaminassem com coronavírus. Então gente todo um trabalho muito árduo, muito difícil a equipe ali de comunicação da Fecomércio porque todo mundo estava ali em cima, os órgãos para que eles não deixassem aberto e os empresários para que eles dessem um jeito de fazer abrir. Então, tinha que ter muito jogo de cintura, foi uma situação ali bem realmente complicado. E logo em seguida no ano de 2021 é quando eu vim para Rede Amazônica e aqui eu peguei ainda essa fase da gente ficar muito dentro da redação. No G1 a gente ficava mais dentro da redação apurava as coisas pelo celular foi uma coisa que eu fiz durante a pandemia foi apurar coisas pelo celular. Então, a gente se viu fazendo isso, fazendo o jornalismo acontecer de outras formas que há muitos anos ninguém nunca imaginou. Então, eu sempre falo de uma matéria que eu fiz para o G1 Amapá no ano passado que foi sobre a salinização da água do rio Amazonas lá no Bailique, essa matéria eu a apurei toda de dentro daqui da redação consegui apurar todos os lados daqui de dentro. Foi uma matéria que virou destaque no G1 Nacional foi manchete no G1 Nacional num dia em que era um feriado tava todo mundo quieto e chamou a atenção do Brasil todo para o Bailique, e depois disso todas as outras emissoras de todo o Brasil começaram a pautar também e a falar sobre isso quando a gente viu já estava o Governo a Prefeitura enviando ajuda para lá ajudando eles mobilizando. Então, uma matéria que eu consegui apurar toda de dentro da redação que eu consegui fazer aqui é pelo telefone também com envio de vídeos das pessoas que moravam lá essa matéria mobilizou todo mundo para olhar para aquelas pessoas que precisavam tanto daqui inclusive para isso me deixar muito feliz em saber que de alguma forma a gente consegue fazer a diferença na vida das pessoas.”

Especialmente sobre a pandemia neste momento. Dentre as mudanças que aconteceram na cobertura jornalística, gostaria de saber se a vacinação de alguma forma modificou ou relaxou medidas ou apenas confortou vocês como profissionais?

“A gente teve uma grande dificuldade no início porque quando começa a vacinação, no início do ano passado, a gente demorou para ser incluído na vacinação, nós jornalistas. E a gente sentia que a gente precisava também ter uma prioridade. Por que a gente não parou de trabalhar sabe?! A gente era um serviço essencial, porque todo dia a gente tava na casa das pessoas dizendo para elas onde elas poderem buscar, o que que elas poderiam fazer. Então, a gente demorou para receber essa vacina aí quando essa vacina chegou a gente se sentiu um pouco mais aliviado para conseguir trabalhar, para conseguir ir para outros lugares, mas ainda assim isso não quis dizer que a gente estava relaxando. Tanto que até hoje a gente usa 2 microfones a gente usa material para limpar para higienizar, entra sai higieniza. Então a gente continuou seguindo esses critérios, a gente não sai sem máscara na rua, a gente não fica sem máscara. São todos os critérios que foram adotadas desde lá de Manaus, que é a sede da Rede Amazônica. Então, a gente aqui pelo menos falando daqui da empresa, a gente sempre colocou em primeiro lugar esses cuidados. Tanto que outras filiais da Globo chegaram a ficar sem máscaras em outros espaços de outros estados porque eu podia lá já e tudo mais. Só que a gente manteve a máscara a gente manteve o uso dos microfones e é o que a gente faz até hoje. Então, a vacinação ela deu esse viés assim de relaxamento para a população, mas que talvez não na verdade não deve ser visto dessa forma né?! Sendo que a pandemia ela ainda não acabou. A gente voltou sim para rua antes a gente apurava mais na redação pois É aí apurar melhor em outros locais mas sempre seguindo esses critérios aí de prevenção inclusive um critério que a gente utiliza aqui pelo menos quando tá muito alto o número de contaminação é não entrar e determinados lugares por exemplo a gente não grava dentro do UBS a gente não grava dentro desses locais justamente para se prevenir também”

Você já passou por algum tipo de hostilização durante as coberturas? Se não, isso a intimida de alguma forma?

“É, bom a grande experiência que eu tive na com relação a isso foi no G1. No dia Sete de Setembro, teve uma grande manifestação né?! e a gente teve que fazer essa cobertura, mas a gente teve que ir descaracterizado. Então, a gente não levou a gente não eu não utilizei nada que me caracterizasse eu tive que fazer dessa forma até mesmo pra me prevenir e a gente sabe que como jornalista, independente da emissora que você está, o jornalista ele é muito visado. Acontece muito de as pessoas confundirem a sua pessoa você jornalista com o trabalho que

você exerce e te cobrarem independentemente de você, do lugar onde você está e te cobrarem por isso. Então uma coisa que eu tenho visto muito que eu tenho enfrentado exatamente isso que, às vezes, eu precisar as pessoas pensarem que eu preciso a todo momento encará-las ou de uma forma jornalística quando na verdade, às vezes, eu posso estar, sei lá, no almoço com meu namorado ou eu posso ta em casa de repente na frente da minha casa uma situação minha pessoal e me cobrarem sempre esse lado mais jornalístico e mesma coisa ao contrário. Confundirem e tá me entendendo confundirem a minha vida pessoal com o meu trabalho. Eu sei que eu não posso desassociar, é a minha conduta porque é o que eu sou mas também existe muito isso de transferirem, digamos assim, para minha pessoa inclusive um ódio pelo meu trabalho que eu acho super ruim já que eu devo ser como qualquer outro trabalhador e como qualquer outro trabalhador também mereço respeito eu sou jornalista estou trabalhando eu estou exercendo meu trabalho então, eu mereço respeito. E em relação à a essa conduta de criticar de não gostar da emissora de repente a gente ouve eu não sou usar a mente coisas na rua e é uma situação complicada porque quando a pessoa pede por exemplo não quero que você fale ou achou ruim você tá filmando tá falando tá gravando ela não percebe que isso é uma censura e que é uma censura que pode prejudica-la porque quando você fecha é o microfone de alguém quando você cala a voz de alguém e você acha que é positivo calar a voz de alguém você tá calando a si mesmo. Porque hoje você pode tá escolhendo me calar e daqui a pouco vão estar calando você. Então essa essa questão da da expressão da gente da gente se expressar aí quando você é negativa em relação a isso você não tá falando só para mim como jornalista você não está atingindo só a minha ou a emissora que eu trabalho mas Tô fazendo uma mudança aí na sociedade como um todo eu vejo isso como algo extremamente negativo.”

Você trabalhou com o cinegrafista Márcio Barcellar como foi para você a morte dele para a Covid-19?

“Quando o Márcio bacellar faleceu eu não estava mais trabalhando com ele eu estava trabalhando aqui já no G1 já tinha vindo para cá para o G1, já não trabalhava mais lá na Equinócio. Mas o Márcio ele foi uma das primeiras pessoas que me incentivou na área de TV ele sempre acreditou que eu deveria ser repórter que eu deveria ir me incentivava me dava dicas. Então foi uma pessoa que eu desenvolvi uma amizade muito grande era uma pessoa que realmente era especial para mim. Não era só meu colega de trabalho conheci e trabalhei com ele, realmente era um amigo ele realmente era uma pessoa que conversava que viu meu lado que me explicava que ensinava e isso e isso sem sem nada em troca só mesmo até aquela

vontade de ajudar uma pessoa por quem ele sentia carinho porque ele achava que tinha assim potencial. Então, ele acreditou muito em mim, ele me ajudou muito, foi uma das primeiras pessoas com quem eu fiz matéria. Então teve situação de polícia que para mim é um pouco difícil ele foi a primeira pessoa com quem eu fiz uma matéria situações polícia e que ele me ajudou muito a conduzir porque ele tinha muita experiência nessa área. Ele sempre trabalhou nessa área de jornalismo policial. Então foi uma pessoa que me ajudou muito acho que uma semana antes de ele falecer encontrei com ele em uma pauta, lá no Palácio do Governo. Foi a última vez que eu falei com ele e quando ele me viu ele lá ele falou tá vendo eu sempre acreditei em ti então nunca vou esquecer uma pessoa que mora no meu coração é um colega mesmo se eu guardo que eu levo comigo e que até hoje eu não acredito que a gente perdeu ele para a pandemia dias antes de começarem a vacinar eles ainda não tinha liberado a vacina para jornalistas e foi uma coisa que me doeu muito essa demora para a gente também poder ser vacinado e ele nem conseguiu tomar a vacina então quando a gente foi se vacinar eu e vários outros colegas da área a gente falou que era por nós e por ele que não tinha tido essa oportunidade.”

A pandemia afetou de alguma forma a sua saúde mental? Isso afetou de alguma forma no seu trabalho como jornalista?

“A pandemia acho que afetou a todos nós né?! de certa forma em relação a nossa saúde mental. Quando eu digo todo nós todo mundo a população mundial foi afetada Não tem como negar isso eu tive experiências aí até interessante falar sobre isso porque a pandemia me deixou assim meio abalada mas eu passei por situações em meio a pandemia que me abalaram mais ainda então eu vejo a pandemia, ela abalou as pessoas mas as pessoas estavam passando por várias coisas ao mesmo tempo como por exemplo falta de emprego, falta das pessoas por perto porque não podia. No meu caso eu tive perdas muito grande durante a pandemia em 2020 eu perdi a minha sobrinha de 3 anos ela faleceu afogada, e eu tava tão preocupada e não perder ninguém né para o vírus eu acabei perdendo de outra forma e aí foi quando é assim eu percebi eu percebi que não era só a pandemia eram várias coisas acontecendo ao mesmo tempo na nossa cabeça na nossa vida e isso aí foi bem difícil foi, bem difícil porque a gente já tinha muitas dificuldades sem a pandemia e com ela foi mais difícil ainda é.”

I. ENTREVISTA COM JACKSON SENA. REALIZADA EM 08.02.2022

Como foi a sua experiência com os serviços comunitários das emissoras?

“No meu caso, foi quando nós tirávamos serviço na Praça Floriano Peixoto, que havia uma concentração lá de pessoas consumindo drogas. E, ali naquele local, já estava se instalando um comércio, entendeu? Por parte das pessoas mal-intencionadas, lá... e prejudicando, ali naquele local, uma convivência da família nos finais de semana, ali. Aí nós solicitamos aos veículos de imprensa que fizessem uma matéria, que isso aí ocasionaria um maior suporte em termos de equipamento, para o desempenho do nosso serviço por parte da nossa corporação”.